

MUSEU DA VIDA/ CASA DE OSWALDO CRUZ / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DA CIÊNCIA / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FUNDAÇÃO CECIERJ  
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS  
INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO  
E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

**Isabella Lourenço Santos de Souza**

**Domingos Espaciais: Um Diálogo entre Ladinoamefricanidade, Astronomia e  
Popularização em Arte e Ciência.**

Rio de Janeiro

Agosto/2022

Isabella Lourenço Santos de Souza

**Domingos Espaciais: Um Diálogo entre Ladinoamefricanidade, Astronomia e Popularização em Arte e Ciência.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientadora: Dra. Thelma Lopes Carlos Gardair

Rio de Janeiro  
Agosto/2022

SANTOS, Isabella Lourenço Santos de Souza.  
Domingos espaciais: um diálogo entre ladinoamefricanidade, astronomia  
e popularização em arte e ciência / Isabella Lourenço  
Santos de Souza. — 2022.  
nº.f.70 : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em  
Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação  
Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida;  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência;  
Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins;  
Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio  
de Janeiro, 2021.

Orientadora: Dra. Thelma Lopes Carlos Gardair

1. Divulgação Científica – 2. Arte E Ciência - 3.  
Ladinoamefricanidade – 4. Popularização – 5. Domingos. I.  
O domingos espaciais: um diálogo entre  
ladinoamefricanidade, astronomia e popularização em arte e  
ciência.



Isabella Lourenço Santos de Souza

**“Domingos Espaciais”: Um diálogo entre Ladinoamefricanidade, Astronomia e Popularização em Arte e Ciência.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientadora: Thelma Lopes Carlos Gardair

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Hilda da Silva Gomes, Mestrado, Fiocruz – MV/COC.

---

Leonardo M. Moreira, Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dedicado às minhas mães, Elza Maria; avó-mãe, Elisabeth;  
mãe e Sonia; tia-mãe, por tanto.

## AGRADECIMENTOS.

(...) Apareceu o ódio e os países pioraram a cada ano. Cansados do ódio inútil, da resistência do livro contra a lança, da razão contra os círios, da cidade contra o campo; do império impossível das castas urbanas divididas sobre a nação natural, tempestuosa ou inerte, começa-se, inconscientemente, a experimentar o amor.

(José Martí 1891)<sup>1</sup>

E será através da gratidão que um dia chegaremos também ao Amor... O ato de reconhecer as gentilezas recebidas do outro é o que nos faz fortes. Considerando o atual cenário pandêmico em que este estudo está sendo entregue, gostaria de agradecer alguns seres generosos que me ajudaram a atravessar e concluir esta pesquisa.

Início fazendo referências à minha ancestralidade *ladinoamefricana* que levantou esse país e resiste até hoje. À minha mãezinha, Elisabeth, incentivadora incansável dos meus projetos e responsável por me apresentar o universo dos museus e das Artes, quando eu ainda era criança. E nos dias de hoje, aprendo a cada dia ser um ser humano melhor nos cuidados dela com o Alzheimer. Às minhas *pérolas negras*, Sonia e Thábita, pela cumplicidade, conexão e amor incondicional. Às minhas grandes amigas e parceiras de jornada, Carolina e Gabriela de Assis, por inspirarem e incentivarem a me debruçar sobre este tema, que é nosso. Ao meu companheiro, Diogo, pelo colo e incentivo por tudo o que eu faço, crio e me dedico.

Aos meus queridos amigos de turma 2020 e 2021, que juntos formaram um verdadeiro bote salva vidas diante dessa tempestade chamada “desgoverno numa pandemia”, vocês são demais. Aos professores, Hilda, Carla, Mônica, Luis, Jéssica, Ozias, Fred, Marina, Diego e aqueles que não citei, mas que juntos fazem também parte de cada pedacinho desse estudo. Aos coordenadores (2020/2021) e secretária, Verônica, meu obrigado, mil vezes obrigada, pela generosidade e resistência neste cenário caótico de desvalorização das Ciências e vacinas. A força de vocês é fundamental para a FIOCRUZ se manter firme, assim como esse curso de pós-graduação.

Faltam palavras para expressar o meu agradecimento à dedicação da professora Thelma Lopes. Obrigada pela confiança, amizade e paciência. Por me introduzir aos estudos da Arte e Ciência, dividir comigo, generosamente, suas experiências e respeitar, também com imensa generosidade, o meu desenvolvimento e potencial nessa pesquisa.

Agradeço a todos estes que não mencionei os nomes, mas que guardo comigo.

E, por fim, à Lélia Gonzalez, por *ladinoamefricar* minha vida.

---

<sup>1</sup> MARTÍ, José. Nossa América. Tradução de Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983.254p. p:194-201. (Texto original de 1891)

*Aos meus mais velhos, por suas lágrimas, decisão e sorrisos.*

*Aos meus arquétipos, minhas personagens, por me darem um pouco de si: à **Amazona**, por sua fidelidade e unidade; à **Europa**, por me ensinar que vulnerabilidade não é fraqueza; à **Morta**, por sua aceitação e vigorosidade; a **Alnitak**, por seu encanto celestial; à **Calíope**, por sua eloquência e por me proclamar heroína de mim mesma; e à **Eufrosine**, por sua leveza e alegria de viver.*

(SANTOS, Isabella, 2021).



## RESUMO

SANTOS, Isabella. **O Domingos Espaciais: Um diálogo entre Ladinoamefricanidade, Astronomia e Popularização em Arte e Ciência**. 2021. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2021.

O presente estudo tem como principal objetivo a análise, em diálogo com a teoria afrocentrista de Lélia González, da atividade *Domingos Espaciais*, projeto de extensão em divulgação da Astronomia, realizado pela equipe do Planetário do Museu Ciência e Vida, localizado no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Vinculado à Fundação Cecierj, o museu está situado em área onde há poucos equipamentos culturais disponíveis e cumpre papel fundamental na popularização de temas científicos. Nosso percurso de análise partiu da compilação e exame dos roteiros teatrais, fotos e filmagens do evento. Paralelamente, voltamo-nos para a leitura de ensaios literários que ressaltam que o campo político-cultural da Divulgação Científica, principalmente no Brasil, está envolto ideologicamente pelo embranquecimento e por classificações eurocêntricas que, não raro, subestimam a importância da contribuição africana e ameríndia. Nesta conjuntura, o presente estudo se dará de forma a destacar a perspectiva afrocentrada, abordada em múltiplos aspectos, quais sejam: estéticos, dialéticos, históricos, culturais e filosóficos, no *Domingos Espaciais*. Assim sendo, este trabalho pretende contribuir para a reflexão acerca do *mito da democracia racial*, da *ideologia do branqueamento* e reafirmar práticas de divulgação científica de sucesso que não optam pelo silenciamento e ocultamento da cultura e corporalidade negra e indígena. A categoria ladinoamefriqueana e o diálogo entre Arte e Ciência serão tomados como base para nortear a discussão.

Palavras-chave: Museus de Ciência - Divulgação e Popularização da Ciência – Arte e Ciência – Astronomia - Ladinoamefricanidade

## ABSTRACT

SANTOS, Isabella. **“Domingos Espaciais”**: Um diálogo entre **Ladinoamefricanidade, Astronomia e Popularização em Arte e Ciência**. 2021. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2021.

The main objective of the present study is the analysis, via aspects of the Brazilian Afrocentrist theory of Lélia González, of the *Domingos Espaciais* activity, an extension project in the dissemination of Astronomy, carried out by the Planetarium team of the Science and Life Museum, located in the municipality of Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Linked to the Cecierj Foundation, the museum is located in an area where there are few cultural facilities available and plays a fundamental role in popularizing scientific themes. Our analysis path started with the compilation and examination of theatrical scripts, photos and footage of the event. At the same time, we turn to the reading of literary essays that emphasize that the political-cultural field of Scientific Dissemination, especially in Brazil, is ideologically enveloped by whitening and Eurocentric classifications that underestimate the importance of the African and American contribution. In this context, the present study is studied in order to highlight an Afro-centered perspective, addressed in multiple aspects, namely: aesthetic, dialectical, historical, cultural and philosophical, in “Spatial Sundays”. Therefore, this work aims to contribute to the reflection on the myth of racial democracy, the whitening ideology and reaffirm successful scientific dissemination practices that do not opt for the silencing and concealment of black and indigenous culture and corporeality. The Latin American category GONZALEZ(1988) and the dialogue between Art and Science will be taken as the basis for the beginning of the discussion.

Keywords: Science Museums - Dissemination and Popularization of Science - Art and Science - Astronomy - Ladinoamefricanidade

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Centro Cultural Oscar Niemeyer (acima), Biblioteca Pública Municipal Leonel de Moura Brizola (à direita) e o Teatro Raul Cortez com a Festa de Santo Antônio (à esquerda).....	26
Imagem 2	Feira de Duque de Caxias (acima à esquerda), o Museu Ciência e Vida (acima à direita), Praça Roberto Silveira (abaixo à esquerda) e o Teatro Municipal Procópio Ferreira e o Instituto Histórico, abrigados no mesmo prédio da Câmara Municipal de Duque de Caxias.....	27
Imagem 3	Quadra da Escola de Samba Grande Rio e Estátua de Zumbi de Palmares (à direita).....	28
Imagem 4	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF).....	29
Imagem 5	Universidade Federal do Rio de Janeiro, unidade Xerém....	29
Imagem 6	Sede Administrativa do Museu Vivo Do São Bento .....	30
Imagem 7	O sítio arqueológico Sambaqui do São Bento.....	30
Imagem 8	A então equipe do planetário com o figurino usado por elas nesta edição. Da esquerda para a direita: Ester Zervas, Isabella Santos, Carolina de Assis e Gabriela Almeida. Ao centro, o artista e historiador Claudio Rosito, quem produziu e confeccionou estes figurinos. .....	42
Imagem 9	Teste de figurino, maquiagem e concepção das três musas protagonistas da história: Calíope, Talia e Melpomne para o Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno). Calíope, ao centro, interpretada por Isabella Santos. Thalia, à esquerda, interpretada por Thaís Martins. E Melpomne, interpretada por Ester Zervas.....	51
Imagem 10	Registros fotográficos digitais do primeiro teste de figurino e maquiagem da personagem Yara (imagem superior esquerda) e da apresentação ao público, em 17 de dezembro de 2017 (Domingo Espacial - O labirinto do mundo). .....	52
Imagem 11	Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno). Arte de divulgação do evento, apresentando a personagem Bastet, interpretada por Cristiane Fernandes, deusa gato do Egipto. .....	53
Imagem 12	Domingo Espacial - A queda do céu (Urano). Registros fotográficos digitais dos bastidores da apresentação do Domingo Espacial – a queda do céu. Na imagem superior,	54

	Mercúrio (Henrique Almeida) e Urânia (Carolina de Assis). Na imagem inferior, da esquerda para a direita, Julia Santos, que interpretou a Hespéríde (não caracterizada), Cristiane Fernandes, de Andrômeda, Carolina de Assis, de Urânia, e Ester Zerfas, Isabella Santos e Thaís Martins, como as Três Marias.....	
Imagem 13	Arte de divulgação do evento para o Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno). Urânia.....	55
Imagem 14	Registro fotográfico digital do teste de figurino e maquiagem das personagens Três Marias, para o Domingo Espacial - A queda do céu (Urano). As três Marias (Alnitak, Alnilan e Mintaka, respectivamente, interpretadas por, da esquerda para direita, Isabella Santos, Ester Zerfas e Thaís Martins).....	56
Imagem 15	(esquerda) Bastidores do Domingo Espacial – Destino Júpiter! Galileu, (interpretado por Messias Dutra e as quatro luas galileanas, da esquerda para a direita: Calisto, Io, Europa e Ganimedes. Interpretadas por, respectivamente: Cristiane Fernandes, Isabela Santos e Ester Zerfas. (direita) Isabella Santos, como Europa, em uma artigo de divulgação do evento no jornal Extra.....	56
Imagem 16	Domingo Espacial – Deu A Louca No Tempo (Saturno). A Cientista Marie Cuire. As Três Tecedeiras (Presente, Passado E Futuro). Astrônoma Carolina De Assis. A Matemática Katherine Johnson. ....	57
Imagem 17	Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno). Ensaio. Painel das Musas das Artes. Apsara (Terpsícore), WangMu (Clio), Melpomne, Polyhymnia, Urânia, Calíope, Tália, Yara(Erato) e Euterpe. Fonte: Acervo Musée du Louvre e Acervo do Projeto do Domingos Espaciais. ....	59

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Relação das edições do evento e principais temas abordados .....	44-46
----------	--	-------

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPEMHEd	O Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
MVSB	Museu Vivo de São Bento
MCV	Museu Ciência e Vida
CECIERJ	Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
EJA	Educação de Jovens e Adultos
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
COC	Casa de Oswaldo Cruz
IBGE	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
EDH	Educação em Direitos Humanos

## SUMÁRIO

<b>PERCURSOS, ENCONTROS E ENCRUZILHADA</b>	<b>16</b>
<b>1 - UM MUSEU DE CIÊNCIAS NO RECÔNCAVO DA GUANABARA?</b>	<b>26</b>
1.1 Da Baixada Fluminense	26
1.2 De América Latina à <i>América Ladina</i>	38
<b>2 - BAIXADA DAS ÁGUAS, DA AFLUÊNCIA E DOS SEIXOS</b>	<b>41</b>
2.1 Das Histórias Afluentes do Domingos Espaciais	48
2.2 Arte e Ciência como seixos no Rio Iguassu	49
<b>3 - CÓRREGO, RIACHO, REGATO OU RIBEIRÃO: É TEMPO DE “CONFLUENCIAR”</b>	<b>62</b>
3.1 A quarta parede e a porosidade da dimensão do afeto	65

## 1 PERCURSOS, ENCONTROS E ENCRUZILHADA.

Aqui, arte, vida e conhecimento se encruzam e dão os tons dos acabamentos. (RUFINO, Luiz, 2017, p.19)

Este estudo busca relacionar a concepção e desenvolvimento do projeto *Domingos Espaciais* às reflexões elaboradas por intelectuais negros, que acrescentem ao conceito de ladinoamefricanidade, de Lélia Gonzalez, uma base epistêmica afrocentrada de divulgação e popularização da Ciência. Busco identificar e analisar como as relações entre Arte e Ciência são exploradas nesta atividade, ressaltando aspectos ligados às culturas africanas e indígenas, além de trazer para o campo da discussão, os conceitos de *localização* ASANTE (2009), *Baixada Fluminense* BEZERRA (2012), *pedagogia das encruzilhadas* RUFINO (2017) e *branquitude* BENTO (2002), para potencializar a prática da ciência inclusiva e antirracista.

A principal motivação deste estudo surgiu mediante minha participação como bolsista, ainda durante a graduação, no projeto de extensão *Domingos Espaciais*, nos idos de 2014. Uma das atividades que desenvolvi no referido projeto, foi a atuação em espetáculos teatrais cuja temática central era a Astronomia. Assumir papéis de algumas personagens nas tramas apresentadas avivou dentro de mim a grande participação que as Artes e os museus tiveram na minha vida desde criança. Sempre estive em meio a livros, dentro de casa, e fora dela. Meus passeios familiares e escolares eram para espaços abertos, artísticos e museus. Muito estimulada por minha mãe, Elisabeth, a frequentar os jardins no Museu da República, o Aterro do Flamengo, praças e teatros, hoje, eu, como mulher negra, graduada em pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) <sup>2</sup>, atribuo meu interesse e disposição à temática aqui em questão, à vivência na infância.

Por conseguinte, durante a minha formação na FEBF, buscava estar sempre envolvida em iniciativas que relacionavam Educação e Arte, como o projeto de extensão sobre latinidades nomeado *Educação como política pública: perspectiva histórica, embates e contradições*, coordenado por Gilcilene Damasceno Barão, que integrei durante o ano de 2018. Na ocasião, através da Arte, discutíamos juntamente

---

<sup>2</sup>Unidade Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), em Duque de Caxias - RJ



com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da escola “Barro Branco”, a importância da identidade política da América Latina; bem como as aproximações culturais do Brasil com outros países latinos. Durante essas interações, fui profundamente afetada pela fala do falecido e querido professor Osvaldo Luiz da Silva, ex-funcionário da creche FIOCRUZ, acerca da importância da ludicidade para a educação infantil, e da relação do corpo e movimento do mediador em suas atuações. Ele abordou em sua dissertação de Mestrado, intitulada *O corpo do educador da educação infantil lido como uma literatura menor*, alguns aspectos da interação com grupo de alunos do curso de mediadores desenvolvido no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), do qual eu fazia parte também.

O “Domingos Espaciais” é uma iniciativa de educação científica no contexto de museus e centros de ciência, baseada na interação entre Arte e Ciência. Possui, em seu cerne de atuação, o teatro e todos os elementos ligados à sua linguagem, tais como: cenários, ensaios, figurinos, estudos, roteiros etc. Intrigava-me, nesse projeto, a relação entre Arte e Ciência e seus processos educativos e interventores; meus possíveis diálogos internos, despertados a partir da minha relação com a Arte, o projeto em si, os demais participantes e a interação do público visitante diante das produções, estudos e encenações. Como aluna do curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), em 2020, me deparei com a possibilidade de explorar essas questões que me inquietavam de maneira mais sistemática, sob a forma, por exemplo, de um trabalho de conclusão de curso. A ideia de estudar aspectos ligados à negritude existente no projeto aqui mencionado, foi se fortalecendo dia após dia.

Durante a mediação de um evento para a 17ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da FIOCRUZ<sup>3</sup>, cuja temática era sobre inteligência artificial, produzimos um debate com duas mulheres pretas atuantes no meio científico - Sil Bahia e Luciana Freitas, e eu. Desta conversa, questões essenciais emergiram. Elas me chamaram atenção para o racismo epistêmico nos espaços acadêmicos que frequentam. Comecei a me debruçar mais intensamente sobre a temática afrocentrada da divulgação científica em si, encontrando em um dos seminários, produzido pelo corpo discente do curso, a “cereja do bolo”, com a fala da nossa convidada em 2020 - a astrônoma Carolina de Assis, a idealizadora do *Domingos*

---

<sup>3</sup> Realizada como parte do trabalho final da disciplina em *Práticas em divulgação e popularização da ciência*.

*Espaciais*. Na ocasião, ela explanou relações entre a divulgação científica e a alteridade; De como o céu, ou melhor, o conhecimento científico (em relação à astronomia, principalmente, mas também no geral), de fato, não é ainda para todos.

Assis ressaltou como a democratização do conhecimento no contexto brasileiro está fortemente atrelada a questões ligadas à negritude, isto é, identidade racial negra enquanto participação, proposição epistêmica, de criação de conhecimento, de ser e estar no mundo. Diante disso, este estudo busca relacionar a concepção e desenvolvimento do *Domingos Espaciais* às reflexões elaboradas, principalmente, pela intelectual negra Lélia Gonzalez. Uma das ideias balizadoras do presente trabalho são o conceito de *ladinoamefricanidade* e os verbetes dele oriundos. O termo foi desenvolvido por GONZALEZ (1990), ressignificado a partir dos trabalhos da psicanalista Betty Milan e do também psicanalista Magno Machado Dias (1980). A autora parte da ideia de que a identidade de um povo é construída pelo reconhecimento de sua cultura, modo de produzir a vida, a língua dita e o conjunto de especificidades. Estes, por sua vez, encontram-se sob a ótica dos países exploradores, nos âmbitos econômicos e políticos, desde a colonização europeia.

Em relação ao conceito de *América Ladina* GONZALEZ (1988) elucida que:

(...) ao contrário, ele (Brasil) é uma América africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o 't' pelo 'd' para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *América Ladina* (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros, e não apenas os "pretos" e os "pardos" do IBGE, são ladinoamefricanos. (GONZALEZ 1988).

Sendo assim, o termo compreende que a afirmação em se ter a letra *m* e a letra *f* em América, transformando em *América*, denotam a presença africana e ameríndia na origem constituinte da identidade brasileira. Tal presença é verificada para além dos quitutes, batucadas e nomes "exóticos", e é componente essencial na formação identitária e revolucionária dos povos originários. Trata-se de afirmar a ideia de que é preciso entender a terra, e não colonizá-la, viver com e para o bem estar coletivo entre humanos, animais e natureza. Em oposição à ideia de bem-estar social europeu que se deu à custa de suas colônias, expropriando, explorando, acumulando, aculturando e matando, e que parece insistir em se impor.

Já a importância de se entender que a letra *d*, em latina, transformando a

palavra em *ladina*, denota outra proposta de se interpretar a influência europeia, outorgada através das revoluções e resistência às subalternizações das muitas famílias e indivíduos. GONZALEZ (1988) propõe uma interpretação pautada na origem africana diaspórica e ameríndia, até porque uma única narrativa não detém a grandeza e complexificação social do país Brasil. Ao passo que os europeus transformaram a Natureza em algo frágil, moldável e colonizável; para os ameríndios, por exemplo, ela é uma entidade potente, geradora de vida e morte. KRENAK (2021) questiona como deixamos que a ideia de civilização e progresso colonizasse, por exemplo, o rio Tietê (SP). Pensar o rio como um ente vivo, mas que no caso está adoecido, quiçá morto no meio de uma cidade, é compreender que exageramos como “civilizados” e que na perspectiva ameríndia, defendida por Ailton Krenak, nos coloca no lugar de ameaça a Terra. Nossa própria Terra sendo ameaçada pelos que dela usufruem. Assim, como o rio Tietê, tantos outros corpos são alvos dessa falsa ideia de civilização. Segundo ele:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem — fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. (KRENAK 2019)

E para que esses termos e discussões sejam validados, GONZALEZ (1988) explica que a “medida em que você é socializado” GONZALEZ (1988), recebe “uma carga cultural muito grande GONZALEZ (1988) e isso faz com que enxergue “o mundo através dessa perspectiva.” GONZALEZ (1988), de forma clara e objetiva ela compreende que certas regras de comportamentos e verdades “universais” nos conduzem à alienação. Ou seja, o indivíduo só conhece uma ideia torpe de se olhar e interagir no mundo, esse indivíduo não sabe em que contexto seu país existe, em que posição se movimenta no cenário mundial, até ao ponto de negar as estruturas das relações políticas, estiolando-se a noção própria e coletiva de Pátria e do relacionar-se com ela. GONZALEZ (2018) ao afirmar que: “as nossas instituições sempre estiveram abertas aos brancos e a recíproca não é verdadeira.” GONZALEZ (2018), exemplifica a contradição que há nos espaços ditos “científicos”, “culturais” e de “Educação” que se intitulam progressistas, mas que, não raro, em seu núcleo não

dispõem de cadeiras ocupadas por negros, ou pela perspectiva *ladinoamefricana*.

A inclusão de intelectuais e figuras representativas que pensam e discutem a identidade *ladinoamefricana* na literatura educacional, nos fundamentos da divulgação científica e nos pressupostos teóricos das Ciências em geral, é fundamental; e tem ocorrido em certa medida, gerando debates e apontamentos no meio epistêmico. No entanto, apesar do crescimento paulatino de ações inclusivas, a abordagem eurocêntrica, na construção do conhecimento tanto nas academias científicas, quanto nos espaços de divulgação e popularização das ciências, ainda é predominante. Os processos de aprendizagem e práticas estão baseados em pressupostos tradicionais, em sua grande maioria, distantes do debate histórico-social em torno da América Latina, e essencialmente da *América Ladina*, ou seja: não condizem com a realidade das tensões educacionais e de divulgação *ladinoamefricana* e imprimem de um modo geral, uma defasagem histórica na Educação.

Aqui vale ressaltar que não se trata de negar as literaturas ditas clássicas, mas de ressignificá-las e ampliar o acervo de obras que balizam os pressupostos teóricos como um todo, principalmente no que tange à divulgação científica brasileira. Trata-se de reconhecer que os limites e possibilidades desses pressupostos não estão exclusivamente vinculados aos clássicos da Educação até então explorados, mas, sim, ao seu potencial de criar relações com autores que dizem mais e muito melhor sobre as verdades da *América Ladina*. Dizem com mais propriedade por terem compreendido de forma prática as suas determinações; ao contrário daqueles que apenas teorizam, estigmatizam e distanciam as pesquisas brasileiras e o próprio *ladinoamefricano* da sua realidade.

O presente estudo também se liga às ideias sociointeracionistas VYGOTSKY (2007) do pensador russo Lev Vigotsky, que, por sua vez, permeiam o projeto *Domingos Espaciais* ASSIS (2018), principalmente no que se refere à concepção de que o desenvolvimento do ser humano é fortemente construído por suas interações sociais e culturais.

(...) o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VIGOTSKY, 2007, p. 103).

Não por acaso a atividade ressalta a ancestralidade potente e transformadora da cultura ameríndia e africana, em diálogo com a mitologia grega, e explora recursos de diferentes linguagens artísticas, como a cênica e plástica.

O cerne deste trabalho é a análise do *Domingos Espaciais*, a partir da qual é possível problematizar a visão eurocentrada da divulgação científica, e defender a necessidade de um olhar mais plural, que inclua as abordagens africanas e ameríndias exploradas na atividade. Para tanto, a estruturação de nosso estudo inclui breve explicação introdutória, apresentação dos objetivos principais e a discussão de concepções oriundas da africanidade. Assim, o conceito de *localização* ASANTE (2009), *Baixada Fluminense* BEZERRA (2012), *branquitude* BENTO (2002) e *ladinoamefricanidade* GONZALEZ (1988), são evidenciados e explorados em diálogo com a construção e execução do *Domingos Espaciais* e a popularização da Astronomia.

Nossa análise também perpassa a reflexão sobre as interações entre Arte e Ciência, presentes na concepção e estruturação do projeto, bem como seus aspectos míticos, visando compreender o potencial alcance social e epistêmico da Arte ligada à Astronomia. E, por fim, buscamos ressaltar a importância de produzir materiais e reflexões, no campo da divulgação científica, que reafirmem práticas afrocentradas exitosas, e que não optem pelo silenciamento e ocultamento da cultura e corporalidade negra e indígena. Dessa forma, acreditamos, contribui-se para acentuar o papel da Divulgação Científica e Popularização da Ciência como instrumento de emancipação e transformação social.

Sabemos que o conhecimento sempre foi, e será, espaço de disputa, pois é através dele que uma sociedade se alicerça, constrói suas estruturas, obtém poder, enxerga a si mesma e se expressa. Essas disputas se dão, portanto, para além dos aspectos estritamente educacionais, pois envolvem questões ideológicas em seu cerne, isto é: as proposições sociais e políticas que identificam a verdadeira disputa pelo terreno do conhecimento. Nesse sentido, tendo em vista o cenário educativo Latino-Americano, por exemplo, onde há a precarização e sucateamento dos sistemas voltados à educação, o ideário de Lélia Gonzalez (1935-1994) mostra-se cada vez mais pertinente, atual e adaptável ao contexto contemporâneo de uma parcela do continente que, documentadamente, vem sendo subjugada, como as populações africanas e indígenas.

Por vezes sofrendo interferências externas, a América Latina foi construída e

concebida, historicamente, para atender aos interesses dos países imperialistas. Coadunando, assim, com ideias de uma economia e relações humanas baseadas numa visão eurocêntrica e, posteriormente, estadunidense – realidades completamente distintas, em múltiplos âmbitos, da nossa. Ao mesmo tempo, a América Latina é entendida, pelas grandes potências, ainda hoje, como uma periferia mundial. Em tal contexto, duas concepções básicas se colocam em plano de análise e perpassam os questionamentos apresentados neste trabalho de conclusão de curso, quais sejam: a *América Ladina*, GONZALEZ (1988), e a sua relação com a concepção da Baixada Fluminense, e a profundidade do pensamento *ladino*.

Ao buscar desenvolver um trabalho de conclusão de curso tematizando a importância da inclusão e valorização das culturas africanas e indígenas, apoiando-se em autoras e autores ladinos, visamos o fortalecimento do papel do ser *ladinoamefricano* na sociedade moderna de forma prática. A *amefricanidade* torna-se mais do que um conceito, mas o *modus operandi* da análise social do século XX. Este trabalho se justifica por estar intrinsecamente ligado a um panorama amplo e complexo, no qual as narrativas dos negros e negras diaspóricos vêm sendo relegadas, ou seja, as narrativas dos africanos que forçadamente tiveram que imigrar para países que adotavam a mão de obra escrava, vem sofrendo contínuo apagamento ao longo da história. O objetivo da decolonialidade é preencher os vazios que a colonialidade insiste em manter e produzir.

Sendo assim, este trabalho é desenvolvido a partir da perspectiva decolonial de divulgação científica. Ao mesmo tempo, o presente TCC também se justifica por questões pessoais, dada minha condição de mulher negra, ainda que minha realidade constitua exceção quando comparada à da maior parte da comunidade negra periférica, uma vez que tive recursos e incentivos culturais desde a infância, e formação escolar/acadêmica em instituições renomadas. Este estudo visa contribuir, ainda que de forma preliminar, para ampliar reflexões tão fundamentais para a constituição de uma sociedade antirracista.

Em termos estruturais, o capítulo 1 destaca a formação histórica da Baixada Fluminense, trazendo a sua origem afro-ameríndia, os conceitos de *ladinoamefricanidade* e localização geográfica, bem como a política do projeto do Domingos Espaciais. O capítulo 2 aprofunda a essência e características do projeto, dialogando sempre com o conceito de decolonialidade e proposição de entender os

projetos que nascem na Baixada Fluminense como imanentes e plurais. Nas Considerações Finais destaco que a importância do Domingos Espaciais está baseada em uma epistemologia pautada no reconhecimento das raízes afroameríndias, na identidade racial negra, e nas redes de afeto intergeracional. As características do Domingos Espaciais oportunizaram uma análise latinoamericana ao campo de pesquisa em que o trabalho foi desenvolvido, e, por extensão, à divulgação científica e popularização da ciência.

O percurso metodológico iniciou-se a partir de uma pesquisa sobre os artigos e trabalhos textuais documentados em portais como SciELO, CAPES, anais da REDPOP e outros congressos e mesas de popularização e divulgação da ciência; acerca do *Domingos Espaciais*, entre 2015 e 2018. Também foram estudados, materiais de divulgação, texto teatral, fotografias, filmagens, desenhos e croquis do próprio projeto. Em 2015 foram realizados os dois primeiros espetáculos do projeto. Infelizmente grande parte da documentação sobre o projeto, não está na literatura, não foram ainda publicados. Segundo ASSIS (2021), existe um foco maior na produção das atividades do que para o registro acadêmico. Assim sendo, este estudo é um dos primeiros registros acadêmicos do *Domingos Espaciais*.

Uma tabela foi elaborada para relacionar o detalhamento das competências e características específicas de cada edição do projeto, listando roteiros teatrais, fotos, chamada de divulgação do evento e vídeos. Na tabela, as informações foram categorizadas de forma a abarcar os diferentes aspectos da atividade. Os tópicos incluíram elementos objetivos e mensuráveis e, também, aspectos subjetivos que se ligam diretamente à discussão do presente trabalho de conclusão de curso, a saber:

Das características gerais:

Edição, Título, Ano, Data, Astro Celeste.

Da transdisciplinaridade:

Resumo, Objetivo, Conceito Astronômico, Educação em Direitos Humanos, Mito, Recurso Local, Recurso Artístico.

Dos espaços museais e personagens:

Personagens-Guia, Personagem de cada espaço museal, os diferentes espaços museais (Hall, Aquário, Auditório, Planetário, Andar de exposição)

Da equipe

Interação intersetorial, Quantidade de mediadores, Formação (capacitação)

Do Diálogo entre O *Domingos Espaciais* e Latinoamericanidade

Citação ou fala que melhor define essa prática, Cultura e corporalidade negra e indígena.

Instrumento de emancipação e transformação social, destaque de personagem.

A maneira como as informações foram dispostas na tabela facilitaram a visão da atividade como um todo, bem como as relações mais imediatas a serem estabelecidas com vistas ao aprofundamento de nosso estudo. Acerca do conceito de *Ladinoamefricanidade* foi realizado levantamento bibliográfico. Também é importante explicitar os parâmetros dessa busca: Qual banco de dados? Qual recorte temporal? Quais foram, exatamente, as palavras chave utilizadas? Quais materiais (teses, artigos, trabalhos em eventos etc.) realmente foram considerados?

Buscamos selecionar alguns textos na tentativa de responder questões relativas ao silenciamento da estrutura epistêmica *amefricana* e *ladinoamefricana* no cenário da divulgação científica.

Os critérios para seleção foram: textos que tinham Lélia Gonzalez como teórica e seu pensamento *ladinoamefricano*, textos que versavam sobre a africanidade, decolonialidade, museologia decolonial e temas afins. Destacamos os textos *Griot e guerreiro (1984)*, *A questão negra no Brasil (1980)*, *A categoria político-cultural da amefricanidade (1988)*, *Racismo e sexismo na cultura brasileira (1980)* e o texto *Cultura, etnicidade e trabalho (1979)*. Obtida a triagem dos textos, foi elaborada uma tabela sobre as temáticas e uma breve análise do que foi lido, visando auxiliar as futuras buscas.

Uma vez que o *Domingos Espaciais*, no que se refere à linguagem, é uma atividade baseada no diálogo entre Ciência e Arte, também nos debruçamos sobre os dois campos e suas interseções. Ernest Fischer, Nietzsche e estudiosos das artes, foram alguns dos autores explorados. E por fim, foram estabelecidas relações entre o texto literário de GONZALEZ (1988), Arte e Ciência e o projeto de extensão em si, e o momento de sua produção (contexto histórico, social e político), reconhecendo à existência de amplitudes social e humana, colocando o Domingos Espaciais no lugar de herança literária *ladinoamefricana*, e os conceitos pertinentes a divulgação científica.



## 2 UM MUSEU DE CIÊNCIAS NO RECÔNCAVO DA GUANABARA?

### 2.1 Da Baixada Fluminense

O *Museu Ciência e Vida* desde 2010 vêm desenvolvendo atividades com intuito de “popularizar e difundir a cultura, a Ciência e a Arte”<sup>4</sup>. Com diversas exposições temporárias, planetário digital, auditório para eventos e salas para oficinas variadas, o museu ocupa fundamental importância social na região. Abriga o único planetário fixo (e o terceiro maior do estado, nesta categoria) existente na Baixada Fluminense. Apesar de estar situada em área nobre de Duque de Caxias, na entrada da Rua 25 de agosto, assim como outras localidades da Baixada Fluminense, a região dispõe de alguns “equipamentos culturais”. Referimo-nos à ideia de que estruturas prediais destinadas ao desenvolvimento da produção de ações de cultura, tais como cinemas, teatros ou museus, por exemplo, são escassas ou inexistem. Políticas públicas que garantam itens para manter a operacionalização básica de atividades culturais, também costumam ser raras na Baixada. Destacamos que empregamos o termo “equipamento cultural”, em consonância com COELHO (1986), que assim o denomina:

Sob o aspecto da macrodinâmica cultural, por equipamento cultural entende-se tanto edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.). Numa dimensão mais restrita, equipamentos culturais são todos os aparelhos ou objetos que tornam operacional um espaço cultural (refletores, projetores, molduras, livros, pinturas, filmes, etc.). (COELHO, 1986. Pg 164)

Ao mesmo tempo, é importante mencionar a existência de ações locais, a despeito dos parques incentivos oficiais. Não é difícil identificar atividades que são fruto da organização e esforço da população do território, que busca diálogo muito direto com as comunidades da área. Para melhor compreensão do cenário cultural no qual a atividade *Domingos Espaciais* está inserida, realizamos breve

<sup>4</sup> <https://www.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/museu-ciencia-e-vida/sobre/> [consultado em 06-08-2021].

levantamento acerca de algumas iniciativas que são fruto de organização local, essencialmente professores e alunos da rede de ensino, artistas independentes, projetos de extensão vinculados às universidades locais e moradores. Ainda que muitas dessas iniciativas sejam abrigadas em edifícios e espaços públicos, vale ressaltar que tais ambientes não costumam ser plenamente utilizados, e que a ocupação dos mesmos não integra uma política pública robusta, que garanta a periodicidade das ações junto à comunidade. Abaixo, relacionamos algumas das atividades.

1. No centro de Duque de Caxias, a Praça do Pacificador abriga diversas manifestações culturais e edificações, como: a Festa Literária de Duque de Caxias que ocorre em meados Junho próxima às festividades juninas de Santo Antônio (13 de Junho). O Centro Cultural Oscar Niemeyer, projetado por Oscar Niemeyer, é formado pelo Teatro Municipal Raul Cortez, e pela Biblioteca Pública Municipal Leonel de Moura Brizola, que desenvolve vários projetos e eventos, e possui a Gibiteca Cartunista Adail José de Paula, e no espaço externo do teatro são realizadas aulas de diversas danças, como: hip hop, forró, street dance e etc. Segundo o professor Nielson Rosa Bezerra<sup>5</sup>, a respeito dos incentivos financeiros, da Festividade de Santo Antônio, é “organizada pela diocese, e a prefeitura dá algum tipo de incentivo sim”. Já o Teatro Raul Cortez, segundo ele “vem do orçamento da secretaria de cultura e turismo, e se mantém através das bilheterias, e às vezes um ou outro patrocínio”.

---

<sup>5</sup> Depoimento do professor Nielson Rosa Bezerra concedido em 23.08.2021 para Isabella Santos.



*Imagem 1 - Centro Cultural Oscar Niemeyer (acima), Biblioteca Pública Municipal Leonel de Moura Brizola (à direita) e o Teatro Raul Cortez com a Festa de Santo Antônio (à esquerda) Fonte: Site Extra online.*

2. A Praça Roberto Silveira, onde o Museu Ciência e Vida<sup>6</sup> está localizado, estão situados também o Teatro Municipal Procópio Ferreira<sup>7</sup> e o Instituto Histórico<sup>8</sup>, abrigados no mesmo prédio da Câmara Municipal de Duque de Caxias<sup>9</sup>. Próximo a esses edifícios, a tradicional feira de Domingo de Caxias, que existe há mais de sete décadas, é a maior feira livre do país. Segundo Marroni Alves “há registros de relatos sobre a feira a partir da década de 1920, com a chegada do trem na antiga estação Meriti – hoje Duque de Caxias – e na década de 1940 junto à chegada dos nordestinos”. Há também, às terças, a Feira Popular da Agricultura Familiar de Duque de Caxias, com seus alimentos orgânicos<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> <https://www.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/museu-ciencia-e-vida/> [consultado em 15-08-2021].

<sup>7</sup> [https://www.cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=549](https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=549) [consultado em 15-08-2021].

<sup>8</sup> [https://www.cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=1452](https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=1452) [consultado em 15-08-2021].

<sup>9</sup> <https://www.cmdc.rj.gov.br/> [consultado em 15-08-2021].

<sup>10</sup> <https://www.facebook.com/FeiraPopulardaAgriculturaFamiliardeDuquedeCaxias/> [consultado em 15-08-2021].



Imagem 2 – Feira de Duque de Caxias (acima à esquerda), o Museu Ciência e Vida (acima à direita), Praça Roberto Silveira (abaixo à esquerda) e o Teatro Municipal Procópio Ferreira e o Instituto Histórico, abrigados no mesmo prédio da Câmara Municipal de Duque de Caxias. Fontes: site Cecierj, site Câmara Municipal de Duque de Caxias.

3. Próximo ao Terminal Rodoviário, no calçadão comercial, a estátua de Zumbi de Palmares. Ao redor dele grupos populares fazem reuniões e na semana da Consciência Negra (20 de Novembro), desenvolvem vários projetos de afirmação da Cultura negra. Também nesta localidade, destaca-se a escola de samba Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, originária da fusão das antigas escolas de samba *União do Centenário*, *Cartolinhas de Caxias*, *Capricho do Centenário* e *Unido da Vila São Luís*.<sup>11</sup> A agremiação desenvolve diversos projetos sociais, como a *pimpolhos da Grande Rio*, que tem como base “inclusão social e a educação através do carnaval e de diferentes linguagens artísticas, fortalecendo a cultura brasileira”<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/desfiles/1974-2.htm> > [consultado em 15-08-2021].

<sup>12</sup> <https://pimpolhos.org.br/sobre-nos/> > [consultado em 15-08-2021].



*Imagem 3 – Quadra da Escola de Samba Grande Rio e Estátua de Zumbi de Palmares (à direita). Fonte: Acadêmicos do Grande Rio e Apontador*

4. Saindo um pouco do centro de Caxias, na Vila São Luiz, A Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF (UERJ Caxias) e suas intervenções, em extensão acadêmica, em diversos outros bairros<sup>13</sup>. Assim como a UFRJ em Xerém.

---

<sup>13</sup> <http://www.febf.uerj.br/site/> > [consultado em 15-08-2021].



*Imagem 4 - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF). Imagem 5 – Universidade Federal do Rio de Janeiro, unidade Xerém. Fonte: Site da FEBF e da UFRJ Xerém*

5. O Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHEd), espaço de pesquisa, memória, História e formação dos professores da Baixada Fluminense, busca contribuir para a “produção de políticas públicas que assegurem o direito à memória e afirmem a educação como patrimônio público da Baixada Fluminense”<sup>14</sup>.
6. No bairro de São Bento, o museu de percurso intitulado *Museu Vivo do São Bento*, MVSB, um Ecomuseu de Percurso. O primeiro instituído na

<sup>14</sup> <https://centrodememoriadaeducacao.com/> [consultado em 15-08-2021].

Baixada Fluminense e que possui sítio arqueológico<sup>15</sup>. Segundo o professor Nielson Rosa Bezerra, a Secretaria de Educação “basicamente oferece ao MVSB, os professores, e há uma dinâmica de adiantamento orçamentário, irregular, que deveria ser 250.000 reais por mês, mas há anos que esse dinheiro não vem, às vezes vem, como esse ano que só veio para dois meses.”<sup>16</sup> Em relação a organização da sociedade civil, há a *associação dos amigos do museu*, segundo o professor Nielson Bezerra, “para captar recursos através de emenda parlamentar, mas sobretudo editais de chamada pública, financiamento culturais e projetos sociais.”<sup>17</sup>



*Imagem 6 - Sede Administrativa do Museu Vivo Do São Bento. Imagem 7 - O sítio arqueológico Sambaqui do São Bento. Fonte: Site Museu Vivo de São Bento*

Esses são alguns dos muitos esforços depreendidos pela população e

<sup>15</sup> <https://www.museuvivodosoabento.com.br/>[consultado em 01-08-2021].

<sup>16</sup> Depoimento do professor Nielson Rosa Bezerra concedido em 23.08.2021 para Isabella Santos.

<sup>17</sup> Depoimento do professor Nielson Rosa Bezerra concedido em 23.08.2021 para Isabella Santos.

profissionais locais para manter viva a memória não somente de Duque de Caxias, mas em parte da Baixada Fluminense. A riqueza cultural desses espaços advém da população, do capital cultural que população confere a esses espaços e iniciativas. Em relação à Baixada, há pouquíssimos incentivos culturais, e conseqüentemente escassez de transporte público que favoreçam, ou mesmo possibilitem o acesso às áreas onde os edifícios culturais estão localizados. E pensar sobre o Museu Ciência e Vida, nessa localidade e ambiência, é reconhecer que receber as escolas da Baixada não é o mesmo que relacionar-se com a cultura local. É também, mas vai muito além. Um museu precisa dialogar com os equipamentos culturais da região, estabelecer uma linguagem própria e não vulgarizada, assumir assim “papel fundamental na popularização de temas científicos<sup>18</sup>”, levando em consideração a cultura estritamente local, aquela de seus entornos imediatos, aliada aos objetivos pedagógicos e formativos da instituição museal.

Todas as ações aqui mencionadas se opõem à ideia de que a Baixada seria somente lugar de pobreza e violência, e podem contribuir para desconstrução de estereótipos e estigmas na medida em que valorizam e ressaltam a produção simbólica de seus habitantes. Tal desconstrução, por sua vez, é fundamental para ressignificar a localidade. Duque de Caxias é um município da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro, possui 4 distritos (1º- Duque de Caxias, 2º- Campos Elíseos, 3º- Imbariê, 4º- Xerém). O terceiro município mais populoso do estado, com cerca de 924.624 habitantes (IBGE 2020)<sup>19</sup>. Trata-se, portanto, de área extensa e com características diversificadas.

*Descolonizar*, ou seja, tornar os processos e seus múltiplos mecanismos de apagamento de “raças” uma real retomada e fortalecimento dos caminhos histórico, cultural e político CARNEIRO (2005), e *localizar* o olhar ASANTE (2009) sobre onde está situado o museu, é uma das formas de se fortalecer a ideia *ladinoamefricana* GONZALEZ (1988). Aqui entendemos *localização* a partir de estudo de ASANTE (2009), citado por ASSIS (2021) em texto sobre museus e exercício decolonial:

“Localização”, no sentido afrocêntrico, refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento da história. Assim, estar em uma localização é estar fincado, temporária ou

---

<sup>18</sup> <https://www.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/museu-ciencia-e-vida/sobre/> [consultado em 06-08-2021].

<sup>19</sup><https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj.html> [consultado em 01-08-2021].



permanentemente, em determinado espaço. Quando o afrocentrista afirma ser necessário descobrir a localização de alguém, refere-se, a saber, se a pessoa está em lugar central ou marginal em respeito à sua cultura. Uma pessoa oprimida está deslocada quando opera de uma localização centrada nas experiências do opressor” (ASANTE, 2009, p.97 apud ASSIS et al., 2021).

ASSIS (2021) reflete sobre a importância de perceber a riqueza da diversidade que há quando localizamos e optamos por práticas afrocentradas e como isso contribui para uma Educação museal “*desobediente*”, ao “transformar o Museu em território fronteiriço, híbrido, fluído, de construção efetivamente coletiva. Seria romper com os pactos das colonialidades.” ASSIS (2021).

Para dar continuidade ao debate acerca desse fortalecimento e o contexto no qual o *Domingos Espaciais* está inserido, precisamos atentar, também, para o conceito de Baixada Fluminense, que é uma expressão com diversos significados historiográficos, e “associada a índices alarmantes de pobreza e violência, por uma mídia em parte sensacionalista e generalizante” BEZERRA (2012). A Baixada Fluminense de fato é uma região que vem se reestruturando ao longo dos anos, possuindo história e identidade reinventadas e reafirmadas negativamente por jornalistas e pela opinião pública. Sua ocupação foi iniciada com a fundação da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1565, e sua “formação social, cujas bases, em grande parte, estão na população de escravizados e descendentes de escravizados africanos, que sem qualquer recompensa monetária ou social construíram o Brasil” BEZERRA (2012).

É imprescindível pensar historicamente a origem de um lugar, ou melhor, de diversas regiões, como a Baixada Fluminense que agrega um grupo grande de municípios, “diversidades humana, natural e histórica que devemos buscar sem posicionamentos afobados” BEZERRA (2012), sem o enviesamento de ideias racistas ou até mesmo romantizadas.

*Baixada* significa “planície entre montanhas”, já *fluminense* origina-se do latim (*flumen*, que significa “rio”); esta denominação se aproxima da de “iguassu” que na língua tupi significa “muita água”. Os nativos da região, já utilizavam essa terminologia antes da chegada dos europeus e, provavelmente, pelo Rio Iguaçu contar, em seu entorno, com muitas áreas alagadiças. Aproximando-se destas concepções, a Baixada Fluminense

seria uma região de terras baixas, planas, recortadas por rios e, em boa parte, alagadiças. (Revista Pilares Da História - Duque De Caxias Baixada Fluminense. ano 08, número 9, maio 2009)

A influência indígena em Duque de Caxias se deu através das tribos jacutingas “ao fim da guerra com os franceses (1555-1565)” em que o recôncavo a partir da ocupação colonial portuguesa iniciou a “produção de cana-de-açúcar, formando assim, os primeiros engenhos da região.” A mão-de-obra escravizada “dos indígenas que viviam na região foi largamente explorada pelos portugueses, inclusive os índios da aldeia das Jacutingas (possivelmente tupinambás”. BEZERRA (2010)<sup>20</sup> Atualmente, segundo o jornal Baixada Fácil<sup>21</sup>, Duque de Caxias, conta ainda com representantes das tribos indígenas Kariri Xocó, Guarani, Puri, Tabajara e Tupinambá.

Segundo o professor Nielson Rosa Bezerra, há indígenas em contexto urbano, famílias de origem indígena passaram a morar em determinadas localidades urbanas. E hoje, no Brasil inteiro existe o Movimento da Retomada, “que são famílias que sabem que tem algum tipo de origem indígena, mas não sabem qual e estão nesse movimento de retomada de intensidade indígena em Caxias.” E Segundo o censo de 2010<sup>22</sup>, Duque de Caxias era o terceiro município com maior número de residentes indígenas, 865 ao total.

O Tempo da Jacutinga compreende o tempo dos povos agricultores e ceramistas, viventes no entorno da Baía da Guanabara. Eram Tupis e, no Rio de Janeiro, receberam a denominação de Tupinambás. Segundo Jean Lery, havia mais de 35 aldeias Tupinambás no Recôncavo Guanabarinno nos anos de 1550 e 1560. Encontramos registros da presença da Aldeia Jacutinga e da Aldeia Sarapuí no território do atual município de Duque de Caxias. (Editorial Museu Vivo de São Bento - mostra No Tempo das Conchas e da Jacutinga)<sup>23</sup>

Um bom exemplo é o local onde hoje fica o lixão de Gramacho. Alí, a Baía de Guanabara beirava a região. Evidência disso foram os achados de sambaquis,

<sup>20</sup> BEZERRA, Nielson Rosa. “Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)” / Nielson Rosa Bezerra. – 2010.

<sup>21</sup><https://baixadafacil.com.br/cultura/dia-dos-povos-indigenas-e-comemorado-com-programacao-diversificada-em-duque-de-caxias-3722.html> [visitado em 08.08.2021]

<sup>22</sup> [https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena\\_censo2010.pdf](https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf) [visitado em 23.08.2021]

<sup>23</sup> Exposição: No tempo das conchas e da jacutinga. Site: Museu Vivo de São Bento. [visitado em 08.08.2021]

conchinhas na língua tupi, no sítio arqueológico do São Bento, pertencente ao Museu Vivo de São Bento (2º Distrito - Campos Elíseos). Mas pelas conjunturas políticas excludentes e planos de uma sociedade racista, hoje este lugar não é beirado por águas, e sim, pelo lixo e precário saneamento básico. Segundo Bezerra, a “despeito da maioria de negros e pardos que vivem na região” BEZERRA (2012) grande parte das pesquisas e estudos “têm procurado pensá-los através de temas como a Educação, a saúde, o poder local, o cotidiano, a cultura, mas dissociando-os da questão racial.” BEZERRA (2012). Isso só demonstra o abismo que a colonização europeia nos incutiu e continua a incutir: que não é possível pensar nas marcas e reproduções de hoje, sem considerar um passado escravista. Sobre este aspecto, diz Bezerra:

Em qualquer lugar do Brasil, a injustiça social sempre esteve diretamente conectada com a discriminação racial, muito em função do nosso longo passado escravista e das suas consequências durante o período do pós-abolição. Essa relação ainda sofre uma forte invisibilidade na Baixada Fluminense, seja na mídia ou nos estudos intelectuais. BEZERRA (2012).

Museus pelo Rio de Janeiro por muito tempo enfatizaram a importância europeia para a civilização dos povos ditos bárbaros, para construção do que temos hoje de cidades, e isso, paulatinamente, tem mudado. Nossa história *ladinoamefricana* começa na África, centro-ocidental “através dos milhões de pessoas que foram escravizadas e enviadas para diferentes lugares das Américas.” BEZERRA (2012). Uma construção de cidade às custas de sacrifício, sofrimento, apagamentos, exploração, falsa ideia de civilização e liberdade, e muitas mortes.

Esse passado não deve ser esquecido. Ignorá-lo contribui apenas para que o esquecimento e a invisibilidade banalizem os problemas sociais existentes. A injustiça social e a injustiça racial precisam ainda de um longo debate, mesmo que muitos excessos sejam postos e a intransigência marque esse diálogo. Essas questões foram marcadas pela intransigência da escravidão, muitos anos antes da intransigência da militância. (BEZERRA 2012, p. 26)<sup>24</sup>

A ideia de não apagar um passado tão determinante para a conjuntura atual, é o que de fato movimentará o projeto e o idealismo de autores como Lélia Gonzalez, Maria Aparecida Bento, Otair Fernandes, Carolina de Assis, Katiussia

---

<sup>24</sup> BEZERRA, Nielson Rosa. A cor da Baixada: Escravidão, Liberdade e Pós-Abolição no Recôncavo da Guanabara. Duque de Caxias, RJ : APPH-CLIO, 2012.

Ribeiro, Ailton Krenak, Nielson Rosa Bezerra, Luiz Rufino, Molefi Asante, Gabriela de Assis, Frantz Fanon e de tantos outros intelectuais *ladinoamefricanos e afrocentristas*. Os afrocentristas compreendem a *afrocentricidade* como um paradigma analítico que estimula o olhar para a *África*, colocando-a como *epicentro* das nossas realidades de mundo. Para isso, é preciso, pois, considerar as relações de poder existentes e históricas, como o conhecimento transita nas diversas “sociedades” dentro de uma mesma *América*, como a sociedade se relaciona com a Natureza e como ela formula a Ciência vigente, e por fim identificar na racialização dessas considerações, às proposições exploratórias mundiais da *branquitude*<sup>25</sup>.

Acerca do termo branquitude, Bento (2002) em Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público compreende branquitude como elemento da identidade racial branca, e diz:

(...) configurando uma visão de mundo, um posicionamento de vantagens calcado no silêncio e omissão (diante do racismo) por um lado, e por outro, na prática discriminatória sistemática com vistas a conseguir e manter situações de privilégio que impregna a ação e o discurso; e que justifica/ mantém/ reproduz as desigualdades raciais no trabalho. (BENTO 2002. pg. 05)

Ao pensar nas estratégias nas quais a *branquitude* de modo geral está calcada, identificamos que o branqueamento se liga a uma estratégia criada, validada e desenvolvida pelas elites nacionais para colocar o “branco” como referência universalizante ou “ideal de *eu*” BENTO (2002), não se trata somente do corpo, mas toda uma lógica intelectual. Para Maria Aparecida Silva Bento é em decorrência do “medo e cercada de silêncio, fiel guardião dos privilégios” BENTO (2002), que a projeção do branco sobre o negro nasce. Sobre esse aspecto, a autora afirma: “O que se vê comprometido nesse processo é a própria capacidade de identificação com o próximo, criando-se, desse modo, as bases de uma intolerância generalizada contra tudo o que possa representar a diferença”. BENTO (2002).

O preconceito segundo ela vem de uma relação entre a estigmatização de um grupo como perdedor (negro), e a omissão diante da violência por ele sofrida; e o silêncio cúmplice para com o grupo (branco), que pratica a violência racial e dela se

---

<sup>25</sup> Bento, M. A. S. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público / Maria Aparecida Silva Bento. – São Paulo: s.n., 2002. Resumo.

beneficia, simbólica e materialmente. Esses benefícios vão ao encontro de preservação universalizante de hierarquias raciais. O pacto narcísico entre os iguais (brancos) encontra um território especialmente fecundo e de expressiva aceitação.

Para Bento o *pacto narcísico da branquitude* é “Um pacto silencioso de apoio e fortalecimento aos iguais. Um pacto que visa preservar, conservar a manutenção de privilégios e de interesses.” BENTO (2002).

## 2.2 De América Latina à *América Ladina*

Partindo para uma visão mais ampla da *ladinoamefricanidade*, para Lélia Gonzalez (1983), a América Latina, quanto à formação, possui mais fortemente a presença dos elementos ameríndios e africanos, do que somente a presença da latinidade na acepção daqueles povos que descendem dos romanos ou foram incorporados por seu império. A latinidade, nesta acepção, se liga à ostensiva, longa e violenta dominação dos colonizadores europeus, e não abarca a multiplicidade dos povos que compõem as Américas. Por isto, Lélia defende uma *América Ladina*. Ela percebeu experiências comuns entre os negros diaspóricos americanos. Muito além dos sofrimentos, exploração e etnocídio, existem identidades culturais e étnicas com raízes africanas comuns que foram transformadas com a colonização, revelando “a heroica resistência e a criatividade na luta contra a escravização, o extermínio, a exploração, a opressão e a humilhação” GONZALEZ (2018). Diante disso:

Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades. [...] o racismo estabelece uma hierarquia racial e cultural que opõe a 'superioridade' branca ocidental à 'inferioridade' negro africana. A África é o continente 'obscuro', sem uma história própria (Hegel); por isso, a Razão é branca, enquanto a Emoção é negra. Assim, dada a sua 'natureza sub-humana', a exploração socioeconômica dos amefricanos por todo o continente, é considerada 'natural'. (GONZALEZ, 1988a, p. 77)

Para Gonzalez, a *amefricanidade* está presente na cultura brasileira, não apenas na língua falada, nas músicas e danças, mas também nos sistemas de

crenças que nos une. Além disso, o racismo como tática de exploração e opressão assume amplo alcance estrutural. Em que o epistemicídio CARNEIRO (2005). SANTOS (1995) é consagrado como forma de fazer “Ciência”. Ou seja, a Ciência que estuda o outro dialoga com o outro, mas se vê separado do outro. A Ciência que segrega grupos não brancos, como o sistema da apartheid, “iguais, mas separados”, “sem a intenção” de segregar epistemicamente. Segundo Boaventura de Souza Santos, “o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos.” SANTOS(1995).

Lélia afirma categoricamente que todos os brasileiros são *ladinoamefricanos* e a negação da presença afro-ameríndia é decorrente do racismo. A *amefricanidade*, categoria político-cultural, considera as semelhanças na formação histórico-cultural do continente americano, bem como a alienação oriunda das táticas de opressão ainda presentes. GONZALEZ também afirma a proposição de *descolonização* do saber e da produção de conhecimento, que se relacionam com o presente estudo. Toda essa discussão não é somente atual, como ancestral. No período escravocrata, a *amefricanidade* era expressa "nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre" GONZALEZ (1988).

Assim Gonzalez, ao propor categorias próprias para pensar a história dos afro-ameríndios, colabora com a ideia de *racializar* o conhecimento dito “universal” e “central”, isto é, auxilia na compreensão de que esse conhecimento possui uma origem e características específicas advindas das relações de poder do *européu-branco* diante dos povos subalternizados pelos próprios brancos. A abordagem de GONZALEZ está carregada dessa ancestralidade, e aponta para a *descolonização* do pensamento através da desconstrução das estruturas de poder que mantêm a colonialidade do saber ainda em vigor, usando categorias fundadas a partir da cultura negra e indígena *brasileira*. Diante disso, diz:

(...) enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial. No lastro do todo das questões que estão colocadas, o que se percebe é que estamos num país

em que as classes dominantes os donos do poder e os intelectuais a serviço dessas classes, efetivamente não abrem mão. (GONZALEZ, 2018. p. 255)

Lélia Gonzalez<sup>26</sup>, é uma intelectual e política multifacetada que, ao longo de muitos anos publicou uma brilhante obra, embora não muito vasta, mas de grande profundidade e relevância. Como toda grande personagem histórica à frente de seu tempo, sempre buscou explicações para as situações cotidianas, denunciando o sistema vigente e possibilitando alargá-las e percebê-las melhor ao focar mais especificamente as relações, semelhanças e distinções entre a *América Latina* e a *América Ladina*, entendendo que a compreensão desta relação seria condição fundamental para que a *América* “esquecida” se localizasse de fato no palco das disputas de narrativas sociais e alcançasse os porquês do “progresso” e da “civilização” já desenvolvidos nas grandes instituições científicas que se voltaram à *branquitude*, mas não chegaram a nossa *América* negra e indígena ainda.

Apesar da enorme importância intelectual e política para a realidade brasileira, assim como outros autores negros e indígenas, Lélia Gonzalez ainda é uma autora pouco estudada nos currículos das Universidades e instituições científicas. Ao longo da pesquisa constatamos a escassez de seu referencial nos currículos que embasam a divulgação científica. Contudo, a complexidade dos textos de Lélia revela-nos a existência harmoniosa da revolucionária e ativista, ao tratar de conceitos “acadêmicos” com simplicidade, sem ser simplória. Este é o caso quando traz à tona a existência do que ela denominou como “pretoguês”, equilibrando e desestabilizando o leitor, seja ele em qual tempo histórico for. Sobre este aspecto, esclarece:

(...) aquilo que chamo de ‘pretoguês’ e que nada mais é do que marca de africanização no português falado no Brasil (...). O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o l ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo. (GONZALEZ, Lélia, 1988, p.70)

---

<sup>26</sup> Segundo sua biografia, Lélia ao longo de sua jornada de atuação estudou essencialmente Antropologia, Sociologia e Psicanálise, tornou-se a principal intelectual nos debates sobre raça e gênero (interseccionalidade). Foi também uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e foi a primeira intelectual a sair do Brasil para debater a condição da mulher negra brasileira. Em 1980 a historiadora teve papel de grande expressividade como vice-presidenta do 1º e do 2º Seminários da ONU, sobre a “Mulher e o apartheid”.

Não cabe aqui desenvolver o conceito desenvolvido por Lélia. Contudo, tal conceito se liga a um importante aspecto no campo da divulgação científica: a necessária adequação da linguagem aos diferentes públicos aos quais se destina. Por ser endereçada a múltiplos atores sociais, as ações de divulgação científica devem considerar os diferentes léxicos, hábitos linguísticos e vocabulários.

### 3 **BAIXADA DAS ÁGUAS, DA AFLUÊNCIA E DOS SEIXOS**

O *Domingos Espaciais*<sup>27</sup> é um projeto em Arte Ciência idealizado e coordenado pela astrônoma do Museu Ciência e Vida e cujas produções são desenvolvidas e executadas principalmente pela equipe do Planetário, junto com uma equipe de voluntários externos à instituição. Características estas que, serão citadas ao longo do percurso desta escrita, proporcionam ao projeto certa avidez e protagonismo vanguardista à forma de se relacionar com a astronomia e arte.

Análogas a seixos, arte e ciência, são conhecimentos ainda relacionados, em certa medida, às elites globais e não periféricas. Cursos acadêmicos, debates institucionais, congressos e museus, possuem um extenso histórico de pouco diálogo com a realidade local ou a escassez de oferta e proposições em regiões periféricas do Estado do Rio de Janeiro. Não raro são instituídos muito mais em perspectiva de oferta do que troca de saberes. Estas condições, para ambos os seixos, não priorizam o discurso decolonial, pelo contrário são reproduções e marca nítida da colonialidade científica, até hoje.

O arquétipo do rio é evocado aqui, como meio de elucidar e transpor o imaginário de se pensar e descrever um projeto de ciência. Em que a arte e a ciência em questão, a astronomia, são seixos no rio das intervenções humanas ao qual a pesquisa se debruça: a Baixada Fluminense. Os seixos nos rios não ficam estáticos, pelo contrário, são intrinsecamente abalados, sacudidos e sofrem rupturas em suas formas rígidas com o fluir das águas ora turbulentas, ora tranquilas. Aqui também é bom deixar exposto que o rio é um ente<sup>28</sup> vigoroso e repleto de caminhos

---

<sup>27</sup>Estas edições ocorreram sob fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e do Instituto TIM, através do edital destinado às comemorações do Ano Internacional da Luz, em 2015.

<sup>28</sup> o ser determinado



tortuosos, ao mesmo tempo possuidor de caminhos mais calmos. Assim como os antagonismos da Baixada Fluminense e seus treze municípios, violência e paz, silêncio e som, pobreza e riqueza, e exemplos outros. O projeto é concebido, idealizado e toma corpo nesta realidade. Ele teve início em 2015, tendo sido executado entre 2015 e 2018. Neste período, apresentou ao público seis edições, quando então entrou em hiato devido a questões internas do museu e, posteriormente, à crise sanitária mundial.

Ele tem como *atividade fim* a apresentação de eventos teatrais intrinsecamente conectadas à Astronomia em diálogo com outras áreas do conhecimento. Sua narrativa está baseada na mitologia grega, e tem a capacidade de entrar em diálogo com cosmogonias ameríndias e africanas. O principal objetivo é valorizar os discursos descolonizadores e em seu currículo oculto, “tópicos abordados pela Educação em Direitos Humanos (EDH), especialmente questões vinculadas a estereótipos de gênero e normatividade sexual.” ASSIS (2018). Apresentar e discutir, conteúdos científicos a partir de perspectivas plurais é o que faz desse projeto ter em seu cerne a *ladinoamefricanidade*. Segundo ASSIS (2018), “todas as histórias têm uma estrutura monomítica, traçando as fases do monomito descrito por Joseph Campbell em o Herói de Mil Faces: há um problema, causado por uma figura mitológica, folclórica ou histórica” e o público é convidado a interagir e desvendar esse problema.

As atividades do projeto, quanto a sua estrutura para apresentação, envolvem toda a produção do evento, como a criação de elementos cenográficos, figurinos, atuação, etc. Os roteiros dramatizados apresentam uma história que é desenvolvida com a ajuda dos visitantes. Foi elaborado para que o público infanto-juvenil tivesse a experiência de sair da Terra e visitar (alegóricamente ou virtualmente) os outros astros do sistema solar. Em um primeiro momento, o astro visitado foi o Planeta Marte, seguidos dos seus planetas vizinhos nas edições posteriores. Na sua última edição apresentada, o astro escolhido foi o Sol. Metaforicamente, ao saírem do planeta Terra, o público encontra em diversos espaços do museu adornos que simbolizam as características do planeta ou do mito a ser contado. *Domingo Espacial – Destino Marte!*, por exemplo: na cúpula do planetário foi projetada uma viagem e pouso em Marte e uma mediadora explanava sobre as características físicas dele; Em uma das salas do primeiro andar do museu foi montado e programado o robô Curiosity (em

parceria com a equipe de robótica do museu), e como guias pelo museu, as mediadoras planetaristas com figurino de Amazonas, fazendo alusão às amazonas presentes na mitologia greco-romana, fazendo alusão às marcianas mitológicas, teatralizavam com o público o desenrolar da história e o desafiava a solucionar o problema. A natureza e as temáticas abordadas variam para cada evento, que apresenta um astro de referência. As seis edições já realizadas tiveram como referência os astros Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e o Sol, nessa ordem.



*Imagem 8 – A então equipe do planetário com o figurino usado por elas nesta edição. Da esquerda para a direita: Ester Zerfas, Isabella Santos, Carolina de Assis e Gabriela Almeida. Ao centro, o artista e historiador Claudio Rosito, quem produziu e confeccionou estes figurinos. Fonte: Acervo do Projeto Domingos Espaciais*

Um dos objetivos do projeto é estimular a visita de todas as áreas do Museu Ciência e Vida. São quatro ambientes utilizados como palco de esquetes que convergem em uma peça única, formando o circuito que o grupo de visitantes tem de passar para interagir e ser apresentado a toda a história da edição *Domingos Espaciais*. A sala de atividades, o auditório, o planetário e um dos salões dedicados às exposições itinerantes se transformam em cenário para o desenrolar das histórias.

Ao longo das edições, os seguintes conteúdos em Astronomia foram apresentados: movimentos planetários; composição e estrutura dos planetas do Sistema Solar; escala de distância e tamanho dos grandes

corpos do Sistema Solar; identificação do e orientação pelo céu noturno; História da Astronomia; Arqueoastronomia; registradores de tempo e marcação temporal; conceito de constelações; sazonalidade das constelações; cor e temperatura de estrelas; objetos astronômicos em geral; observação do céu noturno; produção e transporte de energia em estrelas de baixa massa; estrutura do Sol. (ASSIS 2018)

É um projeto com uma gama enorme de possibilidades de pesquisa, assim como a analogia citada dos seixos no rio que sofrem intervenções da ação das águas e são moldados pela correnteza, pois ao mesmo tempo em que se pode focar em cada planeta a ser explorado, é possível analisar a construção dos roteiros, a noção de unidade que ocorre durante os ensaios, a alta criatividade na elaboração dos figurinos, ou até mesmo a recepção e retorno do público a esse evento especificamente de acordo com o movimento do bairro, por exemplo. Enfim, são muitas as possibilidades, a nossa em questão aqui é evidenciar como a *ladinoamefricanidade* dialoga com a divulgação científica por meio da análise do *Domingos Espaciais*.

É importante destacar que o *Domingos Espaciais (o rio)* estabelece relações em múltiplos âmbitos e reúne diferentes atores sociais. De forma esquemática, poderíamos identificar, ao menos, três diálogos principais:

- ✓ Ciências e Artes: Ao explorar a linguagem teatral, e literária, para abordar temas ligados às Ciências, em especial à Astronomia, promove a interação entre Artes e Ciências.
- ✓ Culturas e campos do conhecimento: Por realizar dramatizações inspiradas em diferentes cosmogonias, ou seja, narrativas sobre a origem e formação do mundo encontradas em mitos religiosos e na filosofia, promove o intercâmbio entre múltiplas culturas e campos do conhecimento.
- ✓ Leitura afrocentrada e eurocentrada: Por ser idealizado por pesquisadoras negras, moradoras da Baixada Fluminense, oferece ponto de vista que favorece a desconstrução da leitura tradicional e eurocentrada, tanto dos conteúdos quanto das linguagens envolvidas na atividade.

Trata-se de um projeto consolidado, e sua complexidade artístico-teórica

significa um salto na maneira de entender e fazer Divulgação Científica. Ou seja, é o rio (projeto) que reformula a maneira de se relacionar com os seixos (arte e astronomia), aqui no caso, na perspectiva *africanista e ladinoamefricana*. Seu papel interventor/reformulador é de grande relevância para a produção científica da Baixada Fluminense. Isto porque, o projeto além de proporcionar uma rica vivência em torno de conhecimentos científicos, dialoga (empurra os seixos de uma lado para o outro) com a cultura brasileira (ladinoamefricana) com muito respeito e responsabilidade cultural. Segundo ASSIS (2018), o *Domingos Espaciais* foram concebidos para simular uma “... experiência literária”, oportunizando aos visitantes certa vinculação às narrativas propostas para além dos conceitos e dados, e buscando perceber o que isso influenciaria na vida cotidiana.

Para melhor visualização desta análise, foi elaborada uma tabela descritiva acerca das edições do *Domingos Espaciais*. Em colunas, estão categorizadas as características de cada edição que dialogam com o conceito de *ladinoamefricanidade*. As diferentes artes propostas serviram de grande auxílio nesse diálogo. Os tópicos em Educação e Direitos Humanos são uma definição do campo da Educação e estão na estrutura metodológica do *Domingos Espaciais*.

Estão especificados no quadro 1, os seguintes itens para análise: edições, anos, temas abordados sobre educação em direitos humanos e cultura científica, mitos tratados e personagens, e o recurso artístico utilizado. Boa parte das informações que estão sendo utilizada para este estudo, como os roteiros e os dados do quadro abaixo, foi concebida por uma entrevista com a coordenadora e idealizadora do projeto.

<b>Seixos (edição)</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Educação em Direitos Humanos e Cultura Científica</b>	<b>Mitos tratados / personagens</b>	<b>Arte</b>
1	2015	Domingo Espacial – Destino Marte!	Estereótipos de gênero: mulheres em posição de poder. Força e habilidades físicas como atribuições femininas.	Amazonas, Hipólita, Phobos e Deimos.	Figurino Mediação Poema Mediação Sessão Fulldome

2	2015	Domingo Espacial - Destino Júpiter!	Mito da Neutralidade científica <sup>29</sup> ; A Ciência como processo histórico. Estereótipos de gênero e sexualidade, com o antagonismo Hélio x Diana x Baco.	Diana, Hélio e Baco. Mito de Prometeu e o roubo do fogo.	Figurino Cenografia Teatro Fotografia Iluminação Maquiagem
3	2017	Domingo Espacial - Deu a louca no tempo. (Saturno)	Estereótipos de gênero; racismo religioso e intelectual; estereótipos de sexualidade: mulheres em posições de poder. Negros em posições de poder. Visibilidade de figuras históricas menosprezadas pela lógica colonial. A Ciência como entidade colaborativa: papéis de gênero na Ciência.	Chronos, as parcas, Gaia, Hipatia, Carolina, Imohtep. Jesse Owens, Katherine Johnson, Maria Bonita, entre outros.	Figurino Cenografia Teatro Audiovisual Iluminação Maquiagem Sessão Fulldome
4	2017	Domingo Espacial - A queda do céu (Urano)	Racismo e estereótipos de gênero: negros em posições de poder. A Ciência cotidiana: astronomia perto de nós.	Andrômeda, Urânia, Alnitak.	Figurino Cenário Teatro Maquiagem
5	2017	Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno)	Racismo religioso e epistêmico. Diversidade de	Yara, Bastet, Calíope, Calico Jack.	Figurino Cenário Teatro

<sup>29</sup> <https://philpapers.org/rec/JAPOMD>

			povos. Machismo e estereótipos de gênero.		Poema Maquiagem
6	2018	Domingo Espacial - O mistério da profecia (Sol)	Exaltação da nossa cultura como cultura diversa. Estereótipos de gênero e sexualidade.	Baco/Bacante. Figuras do carnaval de rua e de salão.	Figurino Cenário Teatro Música Poema Maquiagem Sessão Fulldome

Quadro 1: Relação das edições do evento e principais temas abordados

### 3.1 Das Histórias Afluentes do Domingos Espaciais

É possível identificar alguns aspectos relacionados ao campo da *ladinoamefricanidade*. O fato de Museu estar localizado na Baixada Fluminense, é de grande relevância, uma vez que se encontra situado fora das áreas consagradas de produção científica. Trata-se do único museu de Ciências da região. A equipe, coordenada por pesquisadora oriunda de São João de Meriti, constitui diferencial que tende a favorecer a construção de narrativas *decoloniais*, dada a vivência cotidiana da realidade local. Tanto a *localização* (ASANTE 2009), quanto o *lugar de fala* RIBEIRO (2017), são aspectos que se relacionam com o pensamento de Lélia Gonzalez, uma vez que são fruto e expressão de uma determinada condição social, histórica e racial.

A ligação com os mitos referenciados nas histórias apresentadas no projeto foi se fortalecendo durante o processo de concepção dos espetáculos. Ao longo das edições, a necessidade de aprofundamento da essência dos personagens (dos mitos em si), foi se impondo. Na distribuição do elenco e mediadores da atividade, não por acaso, personagens de destaque foram desempenhados por negros e mulheres, e, não raro, apresentavam alguma fala relacionada à educação em direitos humanos e equidade. Aqui destacam-se as múltiplas possibilidades da linguagem teatral. Ainda que o personagem faça alusão à mitologia greco-romana, o fato de ser representada por negras e negros, imprime novos significados à trama, carregando a cena de símbolos que podem se complementar ou se contrapor.

### 3.2 Arte e Ciência como seixos no Rio Iguassu

Um dos aspectos relevantes do projeto é a abordagem transdisciplinar, na qual os conteúdos são apresentados sem hierarquização e relacionados entre si. A Arte, por exemplo, não é relegada ao papel de, simplesmente, colorir o ambiente, mas encantar e assumir sua totalidade estética. Nesse sentido, Ernest Fischer (1966) faz uma importante observação:

O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela Ciência e pela tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na Arte o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade. (FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, pg. 13)

A possibilidade de atravessar continentes, culturas, línguas, emoções e vivências, de forma imaginária, é algo que somente a Arte é capaz de proporcionar tanto para os artistas que a realizam, como para quem a usufrui. O projeto aqui mencionado prima por sensibilizar e impactar o público por meio da obra de Arte, apresentando perspectivas inusitadas e surpreendentes, ao mesmo tempo em que constrói e discute conteúdos.

Um dos episódios apresentados, *Domingo Espacial - labirinto do mundo* ilustra a assertiva acima em uma edição dedicada a explorar conteúdos relativos a Netuno, atividades recreativas foram desenvolvidas tendo como pano de fundo o planeta e suas características. A trama narra o sumiço das musas das Artes. - Em sua origem mitologia greco-romana a Ciência e as Artes são deusas. Performadas pelas musas, as nove filhas de Júpiter, o Poder, e Mnemósine, uma titânide que personificava a memória. Eram musas inspiradoras das nove Artes: *Calíope*, poesia épica, *Clio*, história, *Erato*, poesia lírica, *Euterpe*, música, *Melpômene*, tragédia, *Polyhymnia*, poesia sagrada, *Tália*, comédia, *Terpsícore*, dança e *Urânia*, da astronomia. Trata-se de um conhecimento ancestral, antigo, e que, dentro do projeto, é tratado como não exclusivo da mitologia greco-romana, mas presente em diversas culturas. No projeto, esta conexão reforça o diálogo com outras mitologias. - O público, juntamente com as três musas guias, que estavam em busca de suas irmãs, eram convidados a refletir sobre o fato das musas sumidas se desiludirem

com a ganância dos homens (cisgênero, hetero, patriarcal) que optaram por colonizar, as belezas e recursos da humanidade e natureza. Aqui identificamos uma correlação com o pensamento de KRENAK (2021) acerca da colonização do Rio Tietê, mencionado em outro momento deste Trabalho de Conclusão de Curso. Com ajuda de Anfitrite, a rainha dos mares, e seus servos, os lobos do mar (piratas), o público e as musas iam a busca de soluções.

Como podemos conferir no diálogo reproduzido abaixo:

CALÍOPE: - A primeira a desaparecer foi Polyhymnia. Levou consigo a sua habilidade de reconhecer o que era sagrado... Logo em seguida, Clio também se foi... E vocês mortais se lembram cada vez menos da sua história...

THALIA:- Depois, Erato, Terpsícore e Euterpe, quase juntas... Dá até desgosto de dançar e tocar depois disso...

MELPOMENE:- E, por último, Urânia! Mas ela não desapareceu... Ela nos deixou!!!

CALÍOPE: - Há um tempo, ela veio para cá. No início, ela estava muito feliz! Mas depois, ela ficou furiosa! Disse que sabia por que nossas irmãs tinham desaparecido e nos deixou.

As Três fazem expressão de desoladas, sem entender.

THALIA: - Mas o que será que Urânia viu que a deixou desse jeito?!

CALÍOPE: - Não sei, mas temos que começar a procurar por algum lugar.  
(ASSIS 2017)

Quando se deparam com Yara no planetário do museu, em cenário de floresta amazônica e muito misteriosa, um dos piratas fica hipnotizado com seu canto e espelho. Num dado momento do diálogo, Yara questiona por que o grupo entrou na sua floresta e mexeu em seus tesouros sem pedir permissão, aludindo às invasões europeias que sempre se julgaram no direito de “conquistar”. Ao ser questionada sobre o que os piratas viam em seu espelho, encantados, Yara responde:

Yara: - A mesma coisa que todos os outros iguais a ele já viram: riquezas que enchem os bolsos e esvaziam a alma. Muitos como ele já vieram. Tinham o mesmo olhar para o mundo, vieram atrás das mesmas coisas. Levaram meu povo embora. Ele entrou por causa da sua ganância e você por causa da sua preocupação. Você pode ir porque eu conheço o seu coração. Você é uma deusa que trás encantamento e alegria, como uma que conheci há pouco tempo. Ela me visitou justo quando um deles chegou... Ficou muito triste com quando viu o que eles podem fazer...  
(ASSIS 2017)



O público e as demais personagens imploram para que Yara retire o encanto sobre os piratas. Ela os avalia e percebe que o coração dos invasores não é de todo ruim. E lança um desafio para o grupo solucionar, dentro do planetário. Nesta ação, imiscui-se conceitos de astronomia Tupi-Guarani e Greco-romana:

Yara: - Mas ora! Talvez ele não esteja perdido de todo... Mas aposto que ele não sabe navegar por essas terras, também. O céu daqui é diferente de onde vocês vieram. Se vocês conseguirem adivinhar para que lado tem de ir, eu os deixarei partir. Olhem para o céu com cuidado durante esta noite eterna e procurem a cruz de cinco estrelas no caminho da anta (passa o laser pela extensão da Via Láctea). Olhem para a região em que ela está, conforme o tempo passa, e descubram o ponto no céu onde parece ter origem o movimento das estrelas. Ali é o que vocês chamam de Polo Sul Celeste, segundo a deusa me disse. Se traçar uma linha deste ponto até o horizonte, vão encontrar a direção que tem de ir. (ASSIS 2017)

Esse exemplo ilustra como o *Domingos Espaciais* explora a mediação, a ludicidade e os conceitos astronômicos de forma a respeitar as culturas. Por meio do encantamento gerado pelos figurinos, diálogos, interpretações e cenário imersivo, as nove musas não personificavam apenas a cultura grega, estática (estátua) e branca (cor dos lençóis). Ao contrário: as nove musas eram performadas por diferentes atrizes, compondo um painel humano com nove meninas, de corpos e colorações diferentes, em posição de estátua. Cada qual com a estética e atributos da sua cultura e muitas cores. Como: *Calíope* musa da eloquência, cujo figurino reproduzia a estética grega e era interpretada por uma mediadora negra. *Erato* da poesia lírica era performada por Yara<sup>30</sup>, indígena brasileira (povo Yakamiabas) e interpretada por uma mediadora negra e de descendência indígena; *Polyhymnia* da poesia sacra e dos hinos sacros era performada por *Bastet*, deusa gato do Egito e interpretada por uma mediadora negra; *Urânia*, a musa da Astronomia e das ciências, interpretado por uma mediadora negra e de descendência indígena.

Em seguida, algumas imagens do *Domingos Espaciais* para elucidar as

---

<sup>30</sup> Yara foi uma escolha da coordenadora do projeto, Carolina de Assis, defini-la como uma das Ycamiabas, para não incorrer em agressão à estética e indumentária de nenhuma etnia indígena conhecida. Como falado na live do ComCiência e Arte, a Yara é uma figura mais lendária do que religiosa e não existe um consenso sobre a etnia em que ela teria origem. Foram escolhidas as Ycamiabas por dois motivos: ser uma etnia mítica, sem conexões comprovadas com etnias ainda existentes e por conta das características definidas a ela: mulheres guerreiras e ordenadoras das suas terras que lutaram contra homens brancos invasores.

diferenças dos corpos, a elaboração estética dos personagens e os estágios do trabalhos, tais como teste de figurino, teste de maquiagem, divulgação, apresentação e etc..



*Imagem 9 – Teste de figurino, maquiagem e concepção das três musas protagonistas da história: Calíope, Talia e Melpomne para o Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno). Calíope, ao centro, interpretada por Isabella Santos. Talia, à esquerda, interpretada por Thaís Martins. E Melpomne, interpretada por Ester Zervas. Fonte: Acervo do Projeto do Domingos Espaciais.*



*Imagem 10 – Registros fotográficos digitais do primeiro teste de figurino e maquiagem da personagem Yara (imagem superior esquerda) e da apresentação ao público, em 17 de dezembro de 2017 (Domingo Espacial - O labirinto do mundo). Fonte: Acervo do projeto Domingos Espaciais.*

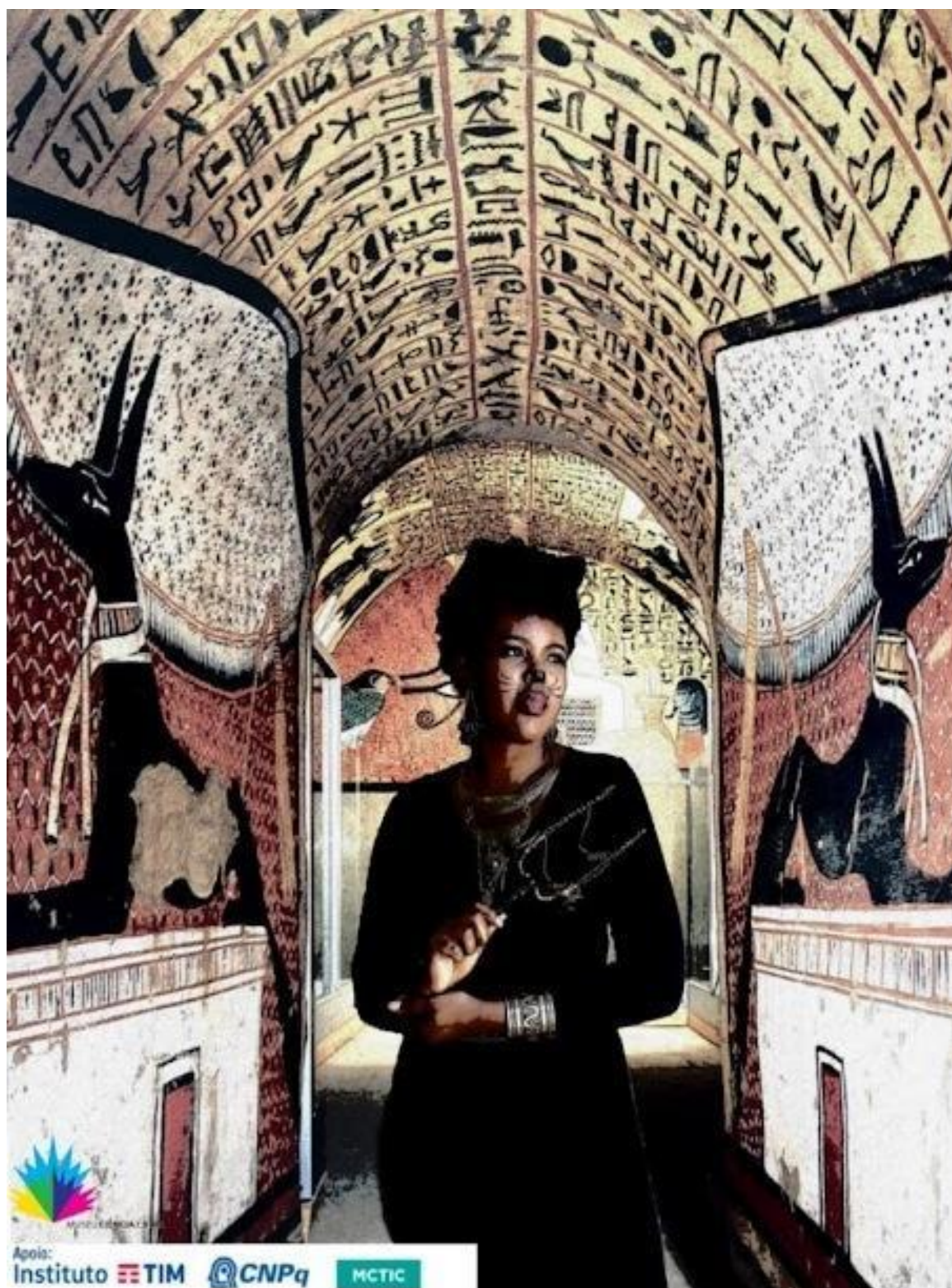


Imagem 11 – Domingo Especial - O labirinto do mundo (Netuno). Arte de divulgação do evento, apresentando a personagem Bastet, interpretada por Cristiane Fernandes, deusa gato do Egito.  
Fonte: Acervo do Projeto do Domingos Espaciais.



Imagem 12 – Domingo Espacial - A queda do céu (Urano). Registros fotográficos digitais dos bastidores da apresentação do Domingo Espacial – a queda do céu. Na imagem superior, Mercúrio (Henrique Almeida) e Urânia (Carolina de Assis). Na imagem inferior, da esquerda para a direita, Julia Santos, que interpretou a Hespéride (não caracterizada), Cristiane Fernandes, de Andrômeda, Carolina de Assis, de Urânia, e Ester Zerfas, Isabella Santos e Thaís Martins, como as Três Marias. Fonte: Acervo do Projeto dos Domingos Espaciais.



Imagem 13 - Arte de divulgação do evento para o Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno).  
Urânia. Fonte: Acervo do Projeto do Domingos Espaciais.



*Imagem 14 – Registro fotográfico digital do teste de figurino e maquiagem das personagens Três Marias, para o Domingo Espacial - A queda do céu (Urano). As três Marias (Alnitak, Alnilan e Mintaka, respectivamente, interpretadas por, da esquerda para direita, Isabella Santos, Ester Zervas e Tháís Martin). Fonte: Acervo do Projeto do Domingos Espaciais*



*Imagem 15 – (esquerda) Bastidores do Domingo Espacial – Destino Júpiter! Galileu, (interpretado por Messias Dutra e as quatro luas galileanas, da esquerda para a direita: Calisto, Io, Europa e Ganimedes. Interpretadas por, respectivamente: Cristiane Fernandes, Isabela Santos e Ester Zervas. (direita) Isabella Santos, como Europa, em uma artigo de divulgação do evento no jornal Extra. Fonte: Acervo Jornal extra e Acervo do Projeto do Domingos Espaciais*



*Imagem 16 - Domingo Espacial – Deu a louca no Tempo (Saturno). A cientista Marie Cuire. As três tecedeiras (presente, passado e futuro). Astrônoma Carolina de Assis. A matemática Katherine Johnson. Fonte: Acervo do Projeto do Domingos Espaciais.*

As outras personagens eram performadas por atores de etnias e culturas outras, e por mediadores de pele clara. Diferentes corpos, idades e fenótipos, em um mesmo quadro. Uma narrativa em que seis irmãs se perderam pelo mundo (museu), e as três musas restantes, Calíope (eloquência), Tália (comédia) e Melpomne (tragédia), mediadoras do planetário, saem em busca por elas, juntamente com o público. O artifício escolhido para estimular o público infanto-juvenil, foi gerar um problema acerca desse sumiço. As crianças e seus familiares, após dicas, profecias e interações pelos espaços do museu conhecendo as próprias musas sumidas com vestimentas de culturas diversas descobrem não somente o paradeiro delas, mas encontram em suas falas, e no decorrer da trama, a ideia de que toda cultura deve ser respeitada. Para cada musa que era oriunda de um lugar único (Grécia antiga), ou até mesmo “aquela verdade única”, poderia ser encontrado em outros povos, atravessando os oceanos (Atlântico, Pacífico e Indico) de Netuno.



Numa das falas de encerramento da edição *Domingo Espacial - O labirinto do mundo*, as musas em um dos diálogos com o público, afirmam:

Calíope: - Então, usem as suas vozes para contar histórias inspiradoras.

Yara: - Para encantar.

Bastet: - E louvarem o que acham sagrado. Seja ele o que for.

Apsara: - Usem os seus corpos para dançar!

Kulitta: - E tocar as mais belas músicas!

Wang Mu: - Usem suas mãos para recordar a sua história e não repetir os mesmos erros.

Urânia: - Usem as suas mentes para pensar e entender o mundo a sua volta!

Calíope: - Porque, meus queridos mortais! Nós somos as musas! Deusas de todas as Artes! E nós estamos em todos os lugares! (as demais repetem, em eco cada uma a seu tempo “em todos os lugares!”). Mesmo naqueles muito diferentes do seu. (ASSIS 2017)



*Imagem 17 - Domingo Espacial - O labirinto do mundo (Netuno). Ensaio. Painel das Musas das Artes. Apsara (Terpsicore), WangMu (Clio), Melpomne, Polyhymnia, Urânia, Calíope, Tália, Yara(Erato) e Euterpe. Fonte: Acervo Musée du Louvre e Acervo do Projeto do Domingos Espaciais.*

#### 4 CÓRREGO, RIACHO, REGATO OU RIBEIRÃO: É TEMPO DE “CONFLUENCIAR”

A ciência fez prova de algo que é muito curioso: quem sofre de amnésia não é apenas incapaz de se lembrar o que se passou, mas não consegue construir, imaginar, aquilo que se vai passar. Quem esquece o passado, esquece o futuro. (COUTO 2017)

O templo das musas, *Museion*, termo que deu origem à palavra museu nas diversas línguas indo-europeias, passa a ser o local de cultivo, preservação e divinização das Artes e Ciências. Não por acaso o *Domingos Espaciais* foi desenvolvido em um espaço museal. No entanto, diferentemente da ideia “embranquecida” BENTO (2002) de ver e fazer o museu, ou conceber a Astronomia, o projeto se dedica a transpor essa relação tradicional do público com o conhecimento e com o tempo, na qual predomina a visão e concepção de um mundo eurocentrado. Os assuntos abordados nos *Domingos Espaciais*, através das histórias em estrutura baseada na cultura mitológica, ganham valor estético, favorecendo a construção do conhecimento em diálogo com os afetos e múltiplas perspectivas. Ou seja, valor que aguça nossa percepção e inteligência emocional do mundo.

Aqui, nesta parte do desenvolvimento das ideias, entendemos que essas afirmações e vazios, que a colonialidade não preenche, corroboram que é tempo de “confluenciar”<sup>31</sup> BISPO (2021) e encontrar nas *narrativas do tempo* COUTO (2017), as quais os museus colecionam, classificam, catalogam, a verdadeira matéria do que ele é feito. E sobre o tempo, Mia Couto diz:

O tempo é a primeira linha divisória que separa os moçambicanos. Para alguns, o tempo é um rio, um caminho entre a nascente e a foz. Para outros, o tempo imita o viver da chuva, não nasce nem morre. A chuva é apenas um modo da água acontecer sem moradia, sem comando, sem dono. (COUTO, Mia. 2017, pg 2)

O tempo é a primeira linha demarcadora que possibilita enxergarmos a diferença entre uma concepção que dialoga com culturas e corporalidades negras e

---

<sup>31</sup> “confluenciar”, aqui como verbo e com significado de direção para um mesmo ponto; convergência, afluência.“c. de rios”

indígenas, para pensar sobre a realidade brasileira de se “fazer ciências”, das concepções que ignoram a relação entre tempo e as culturas.

Os “movimentos planetários; composição e estrutura dos planetas do Sistema Solar, a orientação pelo céu noturno”, alguns dos conceitos astronômicos tratados nos eventos, ASSIS (2018) não são mais vistos da mesma forma. A noção de tempo linear, a “sazonalidade das constelações, a cor e temperatura de estrelas”, outros conceitos explorados são compreendidos e assimilados para além das cognições estabelecidas. A estética conversa com os saberes do público, e o público com os saberes novos que o projeto aborda, demarcado pela decolonialidade. Por fim trata-se de abordagem dialética que afeta os sentidos de forma bilateral e contínua. Na atividade, as “noções de História e cultura científica, como o papel do cientista em sociedade e a ética na Ciência” ASSIS (2018), são exploradas visando desmistificar a ideia rígida do conhecimento intocado, distante.

Considero que o *Domingos Espaciais* é concebido a partir de três vertentes vitais. Utilizarei a palavra verbo para designar a projeção estrutural do projeto, que visa a repercussão em três âmbitos principais, a saber:

*O verbo do indivíduo* - O projeto leva em conta que cada indivíduo traz consigo um patrimônio vivencial, e por meio do qual busca através da curiosidade desvendar os mistérios da vida;

*O verbo da comunidade* - O projeto considera que somando-se à força do todo, o indivíduo é capaz de encontrar na própria capacidade a saída para a solução dos mistérios da Natureza e do Universo.

*O verbo da história mítica* – O projeto, ao se basear em mitologias, valoriza saberes ancestrais, que na sua raiz, associam conhecimento e imaginação, arte e ciência. Desse modo as histórias concebidas permitem a imersão lúdica através do enredo, dos personagens, dos cenários e dos figurinos, proporcionando um lugar concreto entre as certezas e incertezas humanas.

O *Domingos Espaciais*, além de ser uma atividade de lazer detém ampla cultura humanística. ASSIS (2018) afirma que “o público e notadamente as crianças, interpretam o papel de leitor desta história, acompanhando o seu desenrolar pela teatralização...” Tal afirmativa nos faz ponderar que é oportuno que nos debruçemos sobre a sensibilidade da Arte visando compreender sua dimensão e possibilidades, de uma forma geral, e nas especificidades do teatro, linguagem artística basilar do projeto. Ao eleger o teatro como forma de apresentar e discutir Astronomia,

ganha-se em interatividade. Por outras palavras: o projeto se beneficia da estrutura dialógica do teatro. Pois por mais que haja um roteiro traçado, o teatro umas das expressões artísticas passível a intervenção física do “leitor” durante o desenrolar da trama. Durante a apresentação, ao ser estimulado a intervir, cada pessoa integrante do público é afetada individualmente em algum nível, afeta o coletivo em relação recíproca, e, por conseguinte, a história mítica, uma vez que a reação do público presencial altera diretamente a ação dos atores. As histórias propostas no *Domingos Espaciais* apresentam “um problema, causado por uma figura mitológica, folclórica ou histórica” ASSIS (2018), é, pois, na busca por solucionar o problema, entre público e personagens, que os valores estéticos encontram condições favoráveis à assimilação por parte do público, e de se tornarem potencialmente transformadores.

#### 4.1 **A quarta parede e a dimensão do afeto**

Ao final deste trabalho de conclusão de curso, me permitirei sair do lugar de “narradora” para empreender o papel em 1ª pessoa. Quebrar a quarta parede, como se diz no teatro, e destacar a dimensão porosa do afeto<sup>32</sup>. Não por acaso inicio minha caminhada de escrita, escrevivência<sup>33</sup>, evocando as minhas personagens e as características que apreendi com elas. Pois ao encarnar uma Amazona, uma lua galileana, a Europa, uma das três parcas tecedeiras, a Morta, uma das três marias, estrela do céu do verão do hemisfério sul, a Alnitak, uma musa das Artes, a Calíope e uma graça bacante, a Eufrosine, me encontro no lugar de um sujeito ativo para dialogar com uma afirmação que Fischer traz, acerca da derivação da Arte:

A tensão e a contradição dialética são inerentes à Arte; a Arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade como precisa ser *construída*, precisa tomar forma através da objetividade. (FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, pg 14)

Assim como o propósito dado ao público de solucionar problemas e levá-los a desenvolver, internamente, pude vivenciar tudo isso também, ao encarnar personagens durante seis edições. As personagens mitológicas não eram amplamente conhecidas do público, tampouco eu as conhecia. Compunha a

<sup>32</sup> O afeto é parte fundante da episteme afrocentrada.

<sup>33</sup> Expressão cunhada pela própria Conceição Evaristo como forma de se referir à sua escrita, a qual parte da própria experiência de vida da escritora.

personagem relacionando-a à minha vivência pretérita, e segui moldando com o público, a significância delas. Ali ficou clara outra característica do projeto que se liga à abordagem antirracista: a *representatividade*. Principalmente para crianças que não tinham, assim como eu na infância, a referência de uma personagem bem-sucedida de pele negra, feições negroides, e um corpo adornado com elementos belos, aquelas cenas ganhavam importância social.

Falar de um projeto de extensão que tem como cerne o teatro e a valorização dos grupos subalternizados, é também trazer à tona a noção de beleza. Existem muitos relatos oriundos do *Domingos Espaciais*, pelas perspectivas de outros mediadores, em que o público, ao final, essencialmente crianças negras, demonstraram querer ser a princesa Andrômeda, ou a estrela Alnitak, ou até mesmo uma deusa gato Bastet, Yara ou Urânia. Muito provavelmente o fato de serem interpretadas por mediadoras negras reforçou a relação de identidade deste público para com as personagens. Experiência essa que muitas de nós mediadoras graduandas e graduadas, não tivemos na época de nossa infância, mas que nos foi oportunizada por meio do projeto.

Não mais como crianças, mas como mulheres e protagonistas para as novas gerações. Esse é o papel fundamental da Arte, e melhor, de um projeto de extensão em popularização da Astronomia, na Baixada Fluminense, que se configura decolonial. O erro epistêmico, calcado na branquitude, sendo reparado para as gerações distintas, de negros e negras na atualidade. O tempo linear que o museu catalogava, revisto e realocado na dimensão do vivo, do agora, do cíclico espiralado e na continuidade dos saberes. Acerca da qualidade libertadora da Arte no *Domingos Espaciais*, Brecht citado por Fisher (1966) diz:

Nosso teatro precisa estimular a avidez da inteligência e instruir o povo no prazer de mudar a realidade. Nossas plateias precisam não apenas saber que Prometeu foi libertado, mas também precisam familiarizar-se com o prazer de libertá-lo. Nosso público precisa aprender a sentir no teatro toda a satisfação e a alegria experimentadas pelo inventor e pelo descobridor, todo o triunfo vivido pelo libertador. (FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, pg. 14)

O *projeto* é sobre sentir a satisfação de transformar a realidade já no ato da peça, sendo atingidos para além dos objetivos pedagógicos do museu. A meta “não

é a de fazer mágica e sim a de esclarecer e incitar à ação.” FISCHER (1966). É muito importante resgatar essa essência primordial da Arte, da Ciência e do convívio social. O público do projeto é basicamente constituído de pessoas oriundas das periferias, em local com edifícios culturais subalternizados e subutilizados. Público que, além de estudantes, é composto por trabalhadores, nessa pirâmide tão desigual de classes do nosso país. Se o museu, e a divulgação científica como um todo, não souberem dialogar com esse trabalhador e suas culturas, não estarão cumprindo seus papéis na sociedade. O projeto, objeto de estudo desta pesquisa, dialoga e recria a cada edição novas interfaces para o diálogo entre esses diferentes atores sociais.

*Descolonizar* é essencialmente optar pelo conhecimento, linguagem e impulsos criativos do público, e não somente o inverso. A *descolonização* do pensamento através da desconstrução das estruturas de poder que mantêm a colonialidade do saber ainda em vigor, usando categorias fundadas a partir da cultura negra e indígena *brasileira*. É saber que a confluência, isto é, ponto de junção entre dois fluxos d'água para formar um novo rio, uma nova forma de fazer ciência, e agora. Os museus não devem ser templos das ciências, muito menos promover a elitização das artes. Devem sim escapar à sacralização do tempo passado, da mumificação e culto aos tempos idos. Os museus e seus projetos podem e devem ser lugares de culturas e grande aliado da conexão entre passado, presente e futuro.

Saber a quem e para que os projetos de divulgação e popularização científica devem “servir” é essencial, assim como compreender que os espaços públicos e culturais precisam travar diálogo contínuo com as populações locais. É preciso possibilitar a identificação do público com as produções científicas para que a cultura museal seja, de fato, possível e cumpra suas funções inclusivas. Como Carolina de Assis, idealizadora do projeto, sempre evocou em suas falas, que seja uma experiência para além do que se é visto e vivido, que seja uma relação a partir das inspirações das nove musas das artes, dos deuses do planetário e da ciência que propicia mais perguntas. E contribuo acrescentando a força renovadora e

"abocanhadora" do rio iguassu<sup>34</sup>, a baixada de *muitas águas*<sup>35</sup> e suas muitas possibilidades de solver das ciências coloniais o protagonismo deste projeto na Baixada Fluminense.

---

<sup>34</sup> "iguassu" que na língua tupi significa "muita água" (Revista Pilares Da História - Duque De Caxias Baixada Fluminense. ano 08, número 9, maio 2009)

<sup>35</sup> "iguassu" que na língua tupi significa "muita água" (Revista Pilares Da História - Duque De Caxias Baixada Fluminense. ano 08, número 9, maio 2009)



## REFERÊNCIAS

ALVES, Frederick Gomes. Força Plástica e utopia, ou o papel da metafísica no pensamento histórico nietzschiano. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás para participação no V Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/PUC/UnB

ARAGÃO, Jorge. Identidade. *In*: ARAGÃO, Jorge. Chorando Estrelas. Rio de Janeiro: Warner Music, 1992. Faixa 10. 1. CD-ROM.

ASSIS, Carolina. Canal vida conectada. O céu (ainda) não é de todos: o diálogo de alteridade na divulgação e popularização da astronomia. 20 de outubro de 2020. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=-nAcuDuh\\_co&t=1971s](https://www.youtube.com/watch?v=-nAcuDuh_co&t=1971s).

ASSIS, Carolina de. Encontro Nacional sobre Práticas Educativas em Museus e Centros de Ciência e Tecnologia - ENPEM. *O Domingos Espaciais: a Astronomia como pano de fundo em uma experiência lítero-teatral*. 2018

ASSIS, Gabriela de. Refletindo o Museu: um exercício decolonial para uma Educação Museal desobediente. *In*: CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias; COSTA, Andrea (Org.). Educação Museal: conceitos, história e políticas. 1 ed. Vol. 4. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. p 28-41.

BENTO, M. A. S. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público / Maria Aparecida Silva Bento. – São Paulo: s.n., 2002. (Tese de doutorado)

BEZERRA, Nielson Rosa. A cor da Baixada: Escravidão, Liberdade e Pós-Abolição no Recôncavo da Guanabara. Duque de Caxias, RJ: APPH-CLIO, 2012.

BISPO, Nego. Aula 9 - O que é um território? (26.08.2021) do Curso de extensão Formação com Professores "Diálogos sobre Natureza, Cosmologias e Território", uma parceria da Oficina Brennand com a Universidade Federal de Pernambuco.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Políticas Culturais. São Paulo, Ed. Iluminuras, 1997. \_\_\_\_\_. Usos da Cultura: políticas de ação cultural. Paz e Terra, 1986

COUTO, Mia. Discurso de Mia Couto no ICOM - 23a Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), em 17 de agosto de 2013.

Transcrição de Cláudia Porto. Disponível em:  
<https://claudiaporto.wordpress.com/2014/12/21/o-pe-que-traduziu-mia-couto/>

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, p 11-20.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. Lélia Gonzalez em primeira pessoa... São Paulo: UCPA; Diáspora africana, 2018.

\_\_\_\_\_. "A categoria político-cultural de amefricanidade". In: Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, pp. 69-82, jan./jun, 1988.

\_\_\_\_\_. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: Ciências Sociais Hoje, Revista da Anpocs, São Paulo, n.2, pp. 223-244, 1983.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Aula 2 - Há muita vida além da gente (03.08.2021) do Curso de extensão Formação com Professores "Diálogos sobre Natureza, Cosmologias e Território", uma parceria da Oficina Brennand com a Universidade Federal de Pernambuco.

M.D. Magno. América Ladina: Introdução a uma abertura. Rio de Janeiro: Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1980.

MARTÍ, José. Nossa América. Tradução de Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983.254p. p:194-201. (Texto original de 1891)

M.D. Magno. *América Ladina*: Introdução a uma abertura. Rio de Janeiro: Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1980.

MOLEFI, KeteAsante, pensador norte-americano que cunhou a ideia de afrocentricidade. In GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. Lélia Gonzalez em primeira pessoa... São Paulo: UCPA; Diáspora africana, "A categoria político-cultural de amefricanidade", 2018 p 332.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo I Friedrich Nietzsche; tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. - São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Ecce Homo. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo. Ed.: Companhia de bolso, 2008.

Revista Pilares Da História - Duque De Caxias Baixada Fluminense. Ano 08, número 9, maio 2009.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento;

Justificando, 2017.

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, S. Boaventura. Pela Mão de Alice. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

VIGOTSKY, L. S. A Formação Social Da Mente. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, < <https://dicionario.priberam.org/diasp%C3%B3rico> > [consultado em 18-07-2021].

Site Fundação Cecierj<

<https://www.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/museu-ciencia-e-vida/sobre/>  
>[consultado em 06-08-2021].

Site IBGE < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj.html> >[consultado em 01-08-2021].

Site

Cecierj<<https://www.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/museu-ciencia-e-vida/>>[consultado em 15-08-2021].

Site Feira Popular

<<https://www.facebook.com/FeiraPopulardaAgriculturaFamiliardeDuquedeCaxias/>>[consultado em 15-08-2021].

Site Câmara Municipal de Duque de Caxias

<[https://www.cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=549](https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=549)>[consultado em 15-08-2021].

Site Câmara Municipal de Duque de Caxias

<[https://www.cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=1452](https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=1452)>[consultado em 15-08-2021].

Site Câmara Municipal de Duque de Caxias

<<https://www.cmdc.rj.gov.br/>>[consultado em 15-08-2021].

Site Academia do Samba

<<http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/desfiles/1974-2.htm>>[consultado em 15-08-2021].

Site Grande Rio <<https://pimpolhos.org.br/sobre-nos/>>[consultado em 15-08-2021].

Site Faculdade de Educação <<http://www.febf.uerj.br/site/>>[consultado em 15-08-2021].

Site CEPEMHEd<<https://centrodememoriadaeducacao.com/>>[consultado em 15-08-2021].

Site Censo 2010 <  
[https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena\\_censo2010.pdf](https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf)  
[visitado em 23.08.2021]>

Site museu vivo de são bento - exposição: no tempo das conchas e da jacutinga. <  
<https://www.museuvivodosaobento.com.br/exposicoes/no-tempo-das-conchas-e-da-jacutinga>> [visitado em 08.08.2021]